



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA DA ÁFRICA, DA DIÁSPORA E DOS
POVOS INDÍGENAS**

ROSANGELA CORDARO

DONA CADU - ORALIDADE, MEMÓRIAS E SABERES CENTENÁRIOS

**CACHOEIRA
2019**

ROSANGELA CORDARO

DONA CADU - ORALIDADE, MEMÓRIAS E SABERES CENTENÁRIOS

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, da linha de pesquisa “Ensino de História, Educação Inter-Étnica e Movimentos Sociais”.

Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, sob orientação e coordenação do Pro. Dr. Emanuel Luís Roque Soares e da Prof. Dra. Fabiana Comelato.

CACHOEIRA
2019

Ficha Catalográfica: Biblioteca Universitária de Cachoeira - CAHL/UFRB

Cordaro, Rosangela
C794d Dona Cadu: oralidade, memórias e saberes centenários
/ Rosangela Cordaro. – Cachoeira, 2019.
98 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Emanuel Luis Roque Soares.
Coorientadora: Profa. Dra. Fabiana Comerlato.
Dissertação (mestrado profissional) - Programa de Pós-
Graduação em História da África, da Diáspora e dos Povos
Indígenas, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia,
2019.

1. História oral. 2. História local. 3. Recôncavo (BA).
4. Silva, Ricardina Pereira da, 1920- --. I. Universidade
Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Artes,
Humanidades e Letras. Programa de Pós-Graduação em
História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas.
II. Título.

CDD: 907.2

Elaboração: Fábio Andrade Gomes - CRB-5/1513

ROSANGELA CORDARO

DONA CADU - ORALIDADE, MEMÓRIAS E SABERES CENTENÁRIOS

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, da linha de pesquisa Ensino de História, Educação Inter-Etnica e Movimentos Sociais do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Aprovada em 09 de agosto de 2019

Banca Examinadora



Prof.ª Dr.ª Fabiana Comerlato, coorientadora, presidenta da Banca, Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas.



Prof.ª Dr.ª Vanda Machado da Silva em Educação pela Universidade Federal da Bahia- UNEB. Prfª convidada Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Prof. Dr. titular Kabengele Munanga em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, Prf. Convidado Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Dedico esse trabalho a todas as mulheres do
Recôncavo Baiano, que no fazer diário do seu trabalho,
fazem da vida uma grande alegria.
Alegria que contagia e que me serve de alimento para
os enfrentamentos que a vida, sabiamente, me oferece.

AGRADECIMENTOS

Hora de agradecer e agradecer sempre!

Todos os dias assim que acordo agradeço ao Universo pelo meu dia e pela a oportunidade de estar viva e aqui concluindo mais uma trajetória!

Agradeço imensamente ao Recôncavo Baiano que me acolheu, dando a oportunidade de ser uma pessoa melhor. Foi estando aqui que pude entender inúmeras questões humanas e sociais que uma cidade grande como São Paulo e até outras que morei não me permitiram enxergar, passei aqui por inúmeras dificuldades e superação é verdade, mas foi aqui também que aprendi a respeitar ainda mais meus antepassados e saber o significado da importância deles na construção dos nossos valores. Sendo assim não poderia deixar de citar aqueles que não estão mais aqui presentes, porém auxiliaram através da resistência a preservação da nossa história. A Oralidade e Memória se aprendem aqui!

Gratidão aos meus bisavós e avós que carregavam suas crenças e culturas completamente diferentes, vindas desse e do outro continente. Creio ter sido a base da minha personalidade e que viabilizou a convivência e respeito aos diferentes, porque foi aqui no Recôncavo Baiano que tive a certeza de que não somos todos iguais, e que o respeito às diferenças é que nos possibilita sermos melhores. O discurso de igualdade é o caminho da desigualdade.

Ao meu Pai Carlos Magno (in memoriam) que já nos meus primeiros passos me ensinou a sambar, que ainda criança me fazia dormir ao som dos atabaques nos bancos e cadeiras do Terreiro de Umbanda, que vivia a generosidade e a afetividade em seu jeito de ser, que não teve a oportunidade de conhecer o Recôncavo, mas tenho a certeza de que muitas das coisas com as quais me identifico nesse lugar seria também identificado por ele.

À minha mãe, que lutou para que eu fosse para a faculdade, num período em que as mulheres eram criadas apenas para casar e cuidar da família. Ela queria mais de mim e creio que fui além de seus desejos, ela não imaginava que eu teria chegado mais além do que sonhou.

Aos meus queridos filhos Carla Guiliana e Pedro Henrique que respeitaram sempre minhas escolhas, que lutam pela minha felicidade e que posso ver nas minhas falas e conhecimentos as falas e conhecimentos deles assimilados. Eu aprendi e eles aprenderam que a distância nunca separa os corações que amam verdadeiramente porque sou a filha dos ventos dos raios e do trovão.

Aos meus amigos e mestres que contribuíram e muito incentivaram para seguir adiante. Muitas foram as conversas, muitos foram os encontros. Conte com pessoas incríveis, que mudaram minha vida e posso relacionar algumas como a amiga e Professora Ângela Figueiredo, que com paciência e tolerância foi me fazendo compreender falas e olhares que não compreendia, o amigo e Professor Kabengele Munanga que em suas falas me fazia ter a compreensão de que seria capaz de ultrapassar minhas dificuldades que o conhecimento me libertaria da educação eurocêntrica e que podemos seguir como aliados nas lutas das questões da negritude no Brasil. Professora Vanda Machado que no primeiro dia de aula transformou meus planos e despertou o meu interesse por atuar nas escolas. Meus orientadores Fabiana Comelato e Emanuel L. Roque Soares que me dirigiram de maneira sábia pelos caminhos a serem trilhados. A amiga Professora Tania Moura que em todos os momentos apoiou e orientou para que o projeto se tornasse viável, ela foi a “madrinha”. Gratidão profunda a todos!

“Era menina ainda quando vi uma vizinha de meu pai fazendo cerâmica. Eu olhava e achava bonito. Ela me perguntou se eu queria aprender e eu aceitei na hora. Assim, do barro, há anos, tenho tirado o sustento da minha família e consegui educar meus filhos”

Dona Cadu

CORDARO, Rosângela. Dona Cadu - Oralidade, Memórias e Saberes Centenários. 98f. il. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas) – Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2019.

RESUMO

Essa dissertação de mestrado aborda a importância das histórias contadas por Ricardina Pereira da Silva, mais conhecida como Dona Cadu. Uma mulher quase centenária, nascida 14 de abril de 1920, em São Félix, no Recôncavo Baiano. Desde 2013, que venho sentada à beira de sua saia salpicada de barro, para ouvir suas histórias de vida. Nesse período, foi possível conhecer os valores e as identidades desvendados por um olhar de quem lida com a essência de tudo: o *barro*. Matéria-prima de potes, panelas e frigideiras. Esse barro dá a liga aos demais saberes, o samba de roda, as rezas e os conhecimentos ancestrais de negros e indígenas que viveram no Recôncavo Baiano. Tudo isso num viver e fazer, tudo isso feito no momento da queima da louça. As rezas e curas por meio da fé, dos rituais e das folhas fazem da espiritualidade uma parte do cotidiano. Julguei necessário transformar o resultado desse estudo em um produto final, em forma de livro paradidático infanto-juvenil, que tem como objetivo principal, mostrar aos jovens, em processo de socialização para a formação da cidadania, a importância da oralidade e da memória exemplificada pela autobiografia de D.Cadu. Uma contribuição à construção das suas identidades - negra e indígena - num contexto racista. Esse livro tem como título “*O Dia que Almocei a Bisa*”, uma alusão metafórica da figura de Murilo, bisneto de Dona Cadu, que teria passado o período da refeição sem poder almoçar, já que estava escutando as histórias de sua bisavó e dos seus antepassados. Histórias que o ajuda a descobrir a sua identidade – ou seja, quem é ele, de onde vem e para onde vai - abrindo os seus caminhos e os seus olhos para a importância da resistência cultural, como uma via para reafirmar o seu lugar de origem e de luta. Trata-se de um alimento para sua alma. A construção do livro tem por objetivo transformar as falas de Dona Cadu, que influenciaram gerações da sua família e do território em que vive – Coqueiros de Maragojipe – em um instrumento de difusão dos diferentes saberes dessa mulher brasileira, baiana e afro-indígena. Que o livro, na sua configuração lúdica e paradidática, sirva para incentivar outros jovens a conhecer, valorizar e reconhecer a oralidade e memória dos ancestrais como forma de conhecimento que resiste ao tempo, ao preconceito e ao racismo. Conhecimento que ressignifica e empodera.

Palavras-chave: Oralidade. Biografia. Afro-indígena. Recôncavo da Bahia.

CORDARO, Rosângela. Dona Cadu - Orality, Memory and Centenary Knowledge. 98 pp. il. 2019. Thesis (Professional Master`s Program on the History of Africa, the Diaspora and Indigenous People) – Center for the Arts, Humanities and Languages, Federal University of the Recôncavo of Bahia, Cachoeira, 2019

ABSTRACT

This Master`s thesis addresses the importance of the stories told by Ricardina Pereira da Silva, better known as Dona Cadu, a woman who is almost one hundred years old. She was born in 1920 in São Félix, in the Bahian Recôncavo. I have been sitting by her clay-speckled skirt, listening to the stories of her life since 2013. During this period, I was able to learn about values and identities, unraveled from the perspective of someone who handles the essence of everything: clay, the primary material for pots, pans and frying pans. This clay gels with other know-how, samba de roda, prayers and the ancestral knowledge of the black and indigenous peoples who lived in the Bahian Recôncavo. While living and doing all of this; all while she was firing pottery. The prayers and cures through faith, rituals and sacred leaves make spirituality a part of daily life. I felt it was necessary to transform the result of this study into a final product, in the form of an educational book for children and adolescents. The main aim was to show these young people, in a socialization process, to develop citizenship, the importance of orality and memory, exemplified by Dona Cadu`s autobiography. It is a contribution to construct their identities – black and indigenous – in a racist context. The title of this book is “O Dia que Almocei a Bisa” (The Day I had Lunch with my Great-Grandmother”), a metaphorical allusion of the figure of Murilo, Dona Cadu`s great-grandson, who spent his lunch-time without having any lunch, since he was listening to his great-grandmother`s stories and those of their ancestors. Stories that helped him to discover his identity – in other words, who he is, where he comes from and where he is going – opening his pathways and his eyes to the importance of cultural resistance, as a way to reaffirm his place of origin and struggle. It is food for his soul. The aim of constructing the book is to transform the words of Dona Cadu, which have influenced generations of her family and the territory where she lives – Coqueiros de Maragojipe – into an instrument to disseminate the different knowledge of this Brazilian, Bahian and Afro-indigenous woman. The hope is that this book, with a light-hearted and educational format, serves to encourage other young people to learn about, value and recognize their ancestors` orality and memory, as a form of knowledge that withstands time, prejudice and racism. Knowledge that gives new meaning and empowers.

Keywords: Orality. Biography. Afro-Indigenous. Recôncavo of Bahia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Estrutura da primeira oficina com as crianças.....	22
Quadro 2 – Estrutura da segunda oficina com as crianças.....	23
Quadro 3 - Critérios para construção social da maestria	32
Figura 1 – Mapa Recôncavo Baiano.....	40
Figura 2 – Árvore genealógica de D. Cadu.....	44
Figura 3 – Fatores que transitam no livro O Dia que Almocei a Bisa.....	53
Quadro 4 - Participações e premiações de D. Cadu	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPAC	Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 PERCURSO METODOLÓGICO	11
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE O TEMA	24
4 COQUEIRO, RECÔNCAVO DA BAHIA: ASPÉCTOS GEOGRÁFICOS, HISTÓRICOS E ECONÔMICOS	38
5 DONA CADU: MEMÓRIAS DE INFÂNCIA E HISTÓRIAS DE RESISTÊNCIA NO RECÔNCAVO DA BAHIA:	43
6 CERÂMICA DE DONA CADU; ASPÉCTOS INDÍGENAS	49
7 A PRODUÇÃO DO MATERIAL PARADIDÁTICO.....	53
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	603
10 APÊNDICES	68

1 INTRODUÇÃO

A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é a luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente.

Tierno Bokar¹

O Recôncavo da Bahia não é tão somente uma linda paisagem cultural, mas também o território onde se desenrolam inúmeras histórias de mulheres, que além de cuidar da casa e da educação dos filhos, participam da economia de subsistência de suas comunidades e da construção das expressões de arte como diálogo com a vida. Essas raras mulheres, depositárias de uma memória oral transmitida pelas gerações anteriores simbolizam a força feminina e sua importância no contexto histórico do Recôncavo Baiano. Paraphrasing A. Hampatê Bâ (2010, p. 167), grande historiador africano da oralidade, “cada vez que morre um ancião ou uma anciã é uma biblioteca viva que desaparece”. Daí a importância de registrar, os relatos e rudimentos das memórias dessas pessoas antes que se percam no tempo.

O encontro com Dona Cadu, uma mulher afro-indígena, quase à véspera do centenário, é uma rara oportunidade que “nós” pesquisadoras e pesquisadores da oralidade não podemos desperdiçar. Seus relatos de vida, que pretendemos registrar através de uma espécie de autobiografia escrita à quatro mãos, tem como finalidade não só de contar sua admirável história de vida, mas também para através dela, reescrever a história de resistência de sua dupla identidades, a indígena e a africana. Numa sociedade dominada pelos homens, onde os heróis costumam ser masculinos, escrever sobre a história de Dona Cadu através de seus próprios relatos, é escrever a história das mulheres anônimas que ao lado dos homens ajudaram a desenvolver a história de suas comunidades e da sociedade em geral.

É no contexto do Recôncavo Baiano que essa dissertação de mestrado é desenvolvida, após o convívio de anos com a Dona Cadu - Ricardina Pereira da Silva. Uma mulher nascida em São Félix, que vive e viveu uma trajetória quase centenária de luta pela sobrevivência, através do desenvolvimento de um trabalho de subsistência, que transformou em arte e vida. É também uma trajetória de resistência. Resistir para sobreviver, resistir para manter viva muitas tradições,

¹ Etnólogo malinês (PESSOA, 2016).

resistir para contar histórias e estórias e resistir para existir. Desde 2013, experiencio os saberes de Dona Cadu, sempre sentada à beira de sua saia salpicada de barro, escuto atentamente as suas histórias de vida e aprendo, assim como aprenderam os seus filhos, netos, bisnetos, vizinhos e moradores de Coqueiros de Maragogipe. Conhecer os valores e as identidades que incluem a cerâmica, o samba de roda, as rezas e os conhecimentos ancestrais de negros e indígenas do Recôncavo Baiano. Assim, esse trabalho parte da seguinte questão de investigação: **Como salvaguardar para gerações futuras em forma de produto paradigmático os saberes de Dona Cadu, que com seus quase cem anos de idade desenvolve diversas atividades que fazem parte do patrimônio imaterial do Recôncavo Baiano?**

A fim de responder a tal questionamento essa pesquisa tem por objetivo geral criar um livro paradigmático que possa salvaguardar, para gerações futuras, os saberes de Dona Cadu, uma mulher baiana, afro-indígena, que com seus quase 100 anos, está repleta de vitalidade e desenvolve diversas habilidades que fazem parte do patrimônio imaterial do Recôncavo e que pouco tem registro. Por objetivos específicos buscou-se: analisar e difundir a cultura popular afro-indígena de uma comunidade rural e pesqueira do Recôncavo Baiano a partir das narrativas de uma centenária que é rezadeira, sambadeira e artesã conhecida como “Dona Cadu”; Dar visibilidade às histórias de vida de uma personagem central do Recôncavo da Bahia; valorizar a cultura popular em suas dimensões religiosas e do trabalho; Perceber os elementos que possibilitaram que sua residência e seu local de trabalho se tornassem referência da cerâmica utilitária típica; e, reforçar e estimular a importância da oralidade e memória na continuidade dos saberes ancestrais na formação das novas gerações.

Esse trabalho justifica-se, inicialmente, pela importância de Dona Cadu, no seu território, uma mulher afro-indígena, quase centenária, que de forma espontânea transmite aos seus descendentes suas histórias de vida e estórias que ilustram uma trajetória de luta contra os preconceitos vivenciados por seus ancestrais. Pessoas que construíram essa nação, já que o Recôncavo Baiano é um berço de nação e importante região que tem registros econômicos, políticos e socioculturais do primeiro ciclo econômico do Brasil.

A seguir, destaca-se a importância de registrar na dissertação e no produto final – um livro paradigmático – as memórias de Dona Cadu, já que na atualidade

essas são transmitidas, geração após geração, pela oralidade. Aqui destaco a relevância como registro acadêmico, entretanto, evidencio que a maior contribuição que se espera dar, é a difusão dos saberes e fazeres de Dona Cadu através da distribuição de exemplares do livro paradidático – “O Dia que Almocei a Bisa” - de forma que as crianças e os jovens do Recôncavo da Bahia possam conhecer a trajetória dessa mulher.

Este livro mostra-se como uma importante contribuição para o território que abriga o Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, idealizado pelo Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Por fim, no que diz respeito a relevância deste trabalho, destaco a importância dessas histórias impregnadas de valores na minha constituição pessoal e profissional. Como mestrandia em história, as histórias de Dona Cadu me fizeram refletir sobre a importância de conhecer as origens ancestrais. Eu, uma descendente de colonos italianos; Ela, descendente de escravizados e indígenas; Juntas descendentes dos diferentes povos que constituíram essa nação, juntas reconhecemos a importância dos diferentes povos para a construção dessa nação. Dona Cadu me ensinou o valor do barro, das rezas, do samba, da luta, da resistência e da reafirmação identitária.

A primeira introdutória, aqui apresentada, seguida da seção que apresenta o percurso metodológico utilizado por mim para realização do presente trabalho, destacando as observações realizadas e os trabalhos realizados. Na terceira seção, encontra-se a revisão bibliográfica, onde é abordado a cultura do trabalho com a cerâmica e destacado outros fatores culturais. A quarta seção é destinada a apresentação da biografia de Dona Cadu, abordando a trajetória dessa mulher centenária e sobre o Recôncavo da Bahia

A quinta seção aborda Dona Cadu e o Recôncavo Baiano, destacando a região e a identidade; suas memórias da infância; suas histórias de resistência; a influência indígena na cerâmica e a oralidade, memória e saberes centenários no ensino de história e por fim, na última seção são feitas as considerações finais. Os apêndices trazem indicações de vídeos, fotografias, relatos e as imagens das páginas do livro para didático.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia que apliquei, desde 2003 período que iniciei minhas pesquisas, foi a de abordagem qualitativa, em que o método de investigação foca no caráter subjetivo do sujeito em estudo. Esta escolha pode ser explicada a partir dos posicionamentos de Delauriers e Kérisit (2008) quando afirmam que o objetivo de uma pesquisa qualitativa pode ser o de dar conta das preocupações dos setores sociais. Quando se opta por essa abordagem metodológica supõe-se que as respostas nem sempre serão objetivas e que ela possibilita novos aportes durante a trajetória.

Para a pesquisa de campo utilizei equipamentos de registro como celular, máquina fotográfica, filmadora, gravador. Esse tipo de pesquisa empregado visa a produção de um conhecimento que possa efetivamente ser aplicado na realidade, essa opção foi graças ao longo tempo de pesquisa - 15 anos - que possibilitou tamanha riqueza de novos registros desconhecidos no início. Dona Cadu foi ganhando confiança e com isso o tempo foi descortinando informações transversais. A flexibilidade durante esses 15 anos deixou que a subjetividade trouxesse à tona as novas possibilidades de um produto - um livro infanto-juvenil - antes não pensado.

A pesquisa desenvolvida pode ser considerada um estudo de caso onde seus resultados não são feitos para servirem de referência a todas as ceramistas da região estudada. Trata-se de um caso singular que retrata a vida específica da mulher centenária que foi escolhida pelo meu olhar. Eu sabia que não teria o controle sobre as variáveis, apenas me limitei a observar, a identificar e a coletar informações sobre o meu sujeito de estudo, no seu contexto original de vivência.

Sendo esta pesquisa um estudo de caso, ela não se aplica a todas as ceramistas da região, é um desafio que se traduz em uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa. A “matéria-prima” (termo usado na academia do qual não me sinto confortável em usar, por ser um tanto impessoal), no caso de Dona Cadu, não se traduz na documentação escrita, mas sim nos relatos e depoimentos orais.

A etnografia que ela oferece, enquanto uma descrição densa, está de acordo com algumas tendências da antropologia pós-moderna. Clifford Geertz (1983), dentre outros, uma autoridade etnográfica, deixar sem comentários e sem interpretação de como é possível que antropólogos cheguem a conhecer a maneira como um “nativo” pensa, sente e percebe o mundo. Segundo Geertz (1983) é

necessário que o antropólogo veja o mundo do ponto de vista dos “nativos”, onde questiona se deva ficar, até quando, ou não, mas se pode arrogar alguma forma unicamente de proximidade psicológica, ou algum tipo de identificação transcultural com os sujeitos.

Segundo Geertz (1983) nós mesmos temos que nos sentirmos aceitos pelo grupo, ou pessoa “pesquisada”, e isso vai fazer parte do nosso conhecimento que tem a ver com a nossa biografia. A compreensão depende de uma habilidade para analisarmos os modos de expressão, aquilo que ele chama de sistemas simbólicos que se aceito, contribui para o desenvolvimento desta habilidade.

Aqui já consigo, a partir desse pensamento, fazer várias análises daquilo que cruza a minha vida e a de Dona Cadu, de forma que as minhas análises possam ir muito além do que meramente as técnicas de cerâmica e seu registro como eram o início da minha pesquisa. Assim, o tempo de convívio e a experiência com outros professores, principalmente negros, que devo relatar nesse discurso, fizeram com que eu conseguisse fazer uma leitura para além dos meus conhecimentos como observadora.

Geertz (1983) assegura que para se escrever sobre beisebol você deve conhecer sobre ele, sobre cada objeto por ele usado e sua função. Eu descordo desse pensamento, para tal levo em consideração, que, mesmo eu sendo uma ceramista, mesmo conhecendo os rituais de Candomblé como abiã², mesmo sendo uma sambadeira reconhecida por Dona Dalva do grupo de samba de roda da Suerdieck, mesmo conhecendo-a por mais de 15 anos e morando no Recôncavo há 8 anos, possuo conhecimentos insuficientes para muitas interpretações. Dona Cadu, já me deu o meu lugar de fala: “minha filha branca”.

Geertz (1983), ainda no mesmo livro, trata o senso comum como sistema cultural, exemplificando os chamados “povos simples”, que tem o sentido do divino, um interesse imparcial no conhecimento, uma apreciação da beleza por si mesma. Segundo ele, não estão engavetados nos compartimentos culturais organizados. Eu posso dizer que nessa fala realmente observo, que quando nos dedicamos a observar as relações do cotidiano local, sabemos que mesmo pertencendo a uma

² Pessoas iniciantes no candomblé, aqueles que ainda não passaram pela feitura - iniciação do neófito do candomblé (TEIXEIRA, 2017).

região específica, aquela história se torna única e que não serve para referenciar o todo dela pertencente. Observo que Dona Cadu tem um profundo conhecimento prático sobre a natureza que se relaciona com o seu cotidiano. Assim, as suas experiências espirituais, que se tornam relevantes em suas práticas diárias no fazer, não estão relacionados a um “Bom Senso” ou a um senso comum, como tenta descrever Geertz (1983). O que seria senso comum? Nessas comunidades que eu chamarei de “comunidades tradicionais”, o senso é individualizado, onde cada um é regido pelo seu regente sagrado, no caso, o Orixá. Isso traz particularidades no seu modo de fazer e ser, lhe distinguindo de um senso comum.

Ainda dando continuidade nos pensamentos de Geertz (1983), onde ele compara a cultura com uma forma simbólica de uma cidade, onde antropólogos consideram a cidade como sendo o seu território, que percorrem por becos na tentativa de elaborar um mapa que se aproxima da realidade. Porém usar essa exemplificação como experiência vivida, nesse decorrer dos anos, a “rua de entrada” foi a cerâmica, o interesse que eu tinha como busca da minha formação pessoal. Acreditava que seria o maior elemento representativo da cultura local de Coqueiros e o que Dona Cadu teria de melhor a oferecer como resultado da resistência de sua ancestralidade, mesmo sabendo que esse conhecimento lhe foi entregue por uma vizinha, que posteriormente, após seu casamento indo morar em uma localidade que essas práticas por ela aprendidas já estavam estabelecidas, deu continuidade ao labor com o barro.

A cerâmica por muito tempo foi o foco das minhas pesquisas, resultando delas artigos para revista de cerâmica; participação em congressos nacionais com essa temática; e exposições. Um olhar restrito, até que o tempo fosse passando e desvelando outras realidades. Quanto à prática de rezas que curam, eu só pude compreender quando meu carro quebrou em sua porta. No momento não existia nenhum sinal de comunicação. Acabei tendo que permanecer por um longo período em sua companhia. Assim pude observar que a comunidade se utilizava de seus conhecimentos de reza em busca de curas, quando a medicina não dava resultados. Segundo Dona Cadu, alguns médicos locais chegaram a fazer recomendação do uso dos conhecimentos populares.

As chamadas “ruas da cidade” como Geertz (1983) cita, vão se desvendando de acordo com suas próprias buscas, onde irão se deparar com seus conhecimentos e interesses. Posso afirmar que cada conhecimento revelado era como um processo

de iniciação do Candomblé, onde as coisas vão sendo reveladas no tempo de Tempo³. Essas revelações foram dando outros rumos para meu foco da pesquisa, podendo usar o conceito do referido autor sobre “experiência distante”, onde descrevemos algo que não implica da nossa vivência, algo que mesmo estando perto, muito próxima não me faz ter uma escrita com pertencimento do lugar dessa escrita. Por mais que nesse mesmo instante desejasse escrever algo que definisse como sendo uma “experiência próxima” não seria de “bom senso”, quando o autor também relata em seu livro que:

Quando dizemos que alguém demonstrou ter bom-senso, queremos expressar algo mais que o simples fato de que essa pessoa tem olhos e ouvidos ; o que estamos afirmando é que ela manteve seus olhos e ouvidos abertos e utilizou ambos ou pelo menos tentou utilizá-los com critério, inteligência, discernimento e reflexão prévia, e que esse alguém é capaz de lidar com os problemas cotidianos, de uma forma cotidiana, e com a eficácia (GEETZ, 1983, p. 79).

Sabendo que minha análise tem como base numa “experiência distante”, já que inúmeros fatores não são experiências por mim vividas como: ancestralidade afro-indígena, o contexto cultural e socioeconômico e as experiências da idade avançada. Tudo isso me faz refletir intensamente em relação ao meu posicionamento de ter abandonado o registro de técnicas e procedimentos cerâmicos para um registro biográfico de Dona Cadu, onde sua Oralidade e Memória são elementos fundantes.

Eu ainda faço como opção um estudo sobre as mudanças foram que me ocorrendo ao longo do processo do mestrado, com opções e olhares. Grossi et al (2018, p. 20) relata a relação entre o pesquisador que investiga um objeto similar a ele mesmo e o investigado que interage com o investigador, já que o “objeto antropológico é da mesma natureza que o sujeito”.

Laplantine (1988, p. 91) me instiga a pensar que o fato de estar na UFRB, num momento histórico quando a lei 11.645/08 traz temas que são discutidos como: as questões raciais, as cotas, as questões de gênero, a invisibilidade do negro no processo histórico, o racismo, o preconceito, entre outros. Com temas abordados, por também professores negros que fazem muita diferença.

³ Tempo é um orixá raro também conhecido como Irôko, responsável por governar o tempo e o espaço. (SILVA, SANTOS e PINTO, 2015).

Nesse sentido, a professora Vanda Machado, na sua primeira aula, me fez entender sobre a necessidade de trabalharmos com as crianças da pré-escola. Para ela pouco existe sobre referências identitárias em materiais didáticos e para didáticos. Assim, despertou em mim uma inquietude pessoal.

Grossi et al. (2018) diz que “[...] na busca do outro encontra-se a si mesmo”. Isso, para mim, seria um fato, se não me inquietasse o fato de não fazer parte do grupo estudado e de suas experiências, como cito acima. Ter “uma experiência – distante”. Grossi et al. (2018) afirma também que no contato com o “outro” o antropólogo se pergunta “afinal quem sou eu mesmo?”, “o que significa minha própria cultura?”, “quem é o selvagem e o civilizado?”, o que permite uma revalorização do contato com o outro na antropologia pós-moderna, pois no processo de inclusão feminina nas pesquisas de campo o olhar se volta às questões antes não observadas pelos homens.

Isso me faz acreditar que a mudança sucessiva do meu olhar durante a pesquisa foi tomando outro rumo, mudando o produto final da minha investigação - no caso a cerâmica porta de entrada das pesquisas, e dos olhares dos visitantes interessados – para o fazer ancestral de Dona Cadu. Para mim, não deixa de ser significativo, porém não se torna mais relevante do que todo o processo que está no seu entorno, tais como a questão de sua identidade, definida de forma subjetiva como indígena; na importância de seus familiares e as relações deles com a sua atividade; nos conhecimentos religiosos de rezas, de preceitos; e no samba de caboclo e na sua importância local.

Cabe lembrar que ela não foi nascida em Coqueiros e que adquiriu seus conhecimentos, não somente com seus familiares, mas com seu marido, sua família e sua comunidade.

Aqui levanto questões: será que o desinteresse de seus familiares sobre os assuntos pertinentes ao seu conhecimento se dá pelo fato de não ser algo advindo diretamente de seus ancestrais? O desinteresse pela cerâmica, já que foi o sustento da família, seria rejeitado por não pertencer a uma memória familiar antecessora a de D Cadu? São apenas questões secundárias a serem avaliadas, pois no decorrer da pesquisa o que podemos observar é a falta de interesse e a não valorização da sua atividade pelos familiares próximos.

No discurso de Grossi et al. (2018) é evidenciado que há um processo de interseção das minhas crenças com o meu objeto de pesquisa, nessa interseção

tento encontrar e afirmar o meu “EU”. Nesse momento acredito estar em um conflito chamado de “emergência do subjetivo”, terminologia utilizada por Devereux (1985) apud Grossi et al. (2018, p. 220), para dizer que as diferenças culturais são importantes, pois é “pela angústia que é possível produzir conhecimento”.

Para produção do conhecimento foi necessário recorrer a alguns autores que em seus trabalhos fizeram esse exercício teórico de interpretação, que ligam a memória com a história, a oralidade com a história, Peter Burke (1970) seria uma dessas referências. O historiador britânico, é considerado um dos maiores representantes da então chamada Nova História Cultural, e tem sido escolhido por aqueles que optam por uma maior liberdade na forma de registrar essas histórias.

Do ponto de vista metodológico a coleta dos dados ocorreu através da história de vida. Essa metodologia permite que o protagonista ofereça seus conhecimentos e representações sobre a vida social sem a interferência do pesquisador. O que está em consonância com o antropólogo Roberto Oliveira, que diz que o papel do trabalho do antropólogo consiste em saber ver, ouvir e escrever. O autor declara que “sem a percepção e pensamento, como então podemos conhecer?” (Oliveira, 1988, p.18),. Ele tenta mostrar como o olhar, o ouvir e o escrever tem uma enorme relevância.

Se o trabalho do antropólogo consiste em olhar, ouvir e escrever, é isso o que tenho feito desde 2003, quando conheci Dona Cadu. Assim, ainda sem uma formação antropológica, agi através da intuição e curiosidade com relação a tantas formas de conhecimento contidos na experiência de uma mulher afro-indígena, de corpo esguio, cabelos brancos e de uma consciência corporal raramente encontrada em mulheres centenárias, e que trará um merecido registro de seus saberes com as narrativas e participação.

Nesse sentido, o conhecimento e confiança necessários para a realização de uma pesquisa já foram conquistados através de anos de convivência, pois tenho a honra de ter sido convidada por Dona Cadu para fazer o registro de suas rezas e seus conhecimentos de ritos, como o de Cosme Damião, que já pratica há mais de setenta anos. Ela pediu para que não fosse registrado, onde, segundo Dona Cadu, nem tudo deverá ser registrado e divulgado.

Em relação a coleta de dados primários, foi fundamental o registro em cadernos de campo, desde o início. Não se deve esquecer que as tradições orais desaparecem com o tempo, devido a uma série de fatores, e que no transcorrer

desse trabalho, estive comprometida em investigar. Seria ingênuo achar que o registro documental seria a “salvação de tudo”, mas é certamente um estímulo ao interesse da busca desses mestres do saber, cabendo-nos valorizar o que é dito. Filhos, netos, amigos, parentes e visitantes devem também estar sentados à barra de sua saia banhada de barro, aprendendo a ouvir aquilo que é dito.

Por isso, tomei como prática registrar todas as conversas sobre os assuntos de sua vida. Nesse processo de registro incluí seu bisneto Murilo, sua neta Luana e seu aprendiz Rodrigo. Foi uma forma de preservar a relevância da família, estimulando-os ao contato com as falas e as memórias por Dona Cadu. Falas selecionadas como importantes. Muitas vezes éramos interrompidos por Murilo fazendo suas indagações, foi assim que me veio a inspiração de optar pela participação de seu bisneto no livro.

Foram inúmeras as conversas, sentada aos seus pés, em meio ao barro. Ocasões em que foram ouvidas histórias de vida através de relatos e depoimentos sobre seu passado (infância, juventude, educação, iniciação aos ofícios de artes e artesanatos), da história oral e familiar, além de viabilizar o retransmitir dos seus saberes.

Outra reflexão que nos cabe do ponto de vista metodológico é “Para que servem os velhos?” Para lembrar, lembrar muito e lembrar bem. Esta é uma conclusão simples que pode ser tirada da leitura do complexo livro “*Memória & Sociedade: lembrança de velhos*”, da historiadora da USP Ecléa Bosi (1994). Trata-se de um livro sobre memória social, ancorado na velhice - essa fase da vida inevitável que muitos jovens simplesmente ignoram. Hoje, seria qual a relação dos nossos jovens com o saber ancestral? Que relações criamos quando valorizamos esses saberes? Qual a importância deles na comunidade, eles que na África são chamados de Griôs⁴? Qual seria a denominação deles na comunidade? Seria pretensioso nesse momento dar uma resposta como essa dentro do contexto nacional.

⁴ São uma espécie de historiador africano ou um contador de histórias de vilarejo. Suas funções sociais, vão além de contar histórias ou serem narradores orais, atuam como genealogistas, conselheiro, guerreiro ou testemunha, recontar a História, servir de porta-voz, representar o governante como diplomata, mediar conflitos, interpretar e traduzir a palavra dos outros em diferentes línguas, tocar instrumentos, compor canções e melodias, cantar louvores, ensinar os estudantes, exortar os participantes numa guerra ou competição esportiva, transmitir notícias, conduzir cerimônias (como nomeações e iniciações), fazer a corte, casamentos, tomadas de posse e funerais (SISTO, 2013).

Possuímos a terminologia que acredito dar conta dessa categoria aos nossos guardiões de saberes “Tesouro Humano Vivo” um projeto da UNESCO que desde 1993, através de uma constituição brasileira, tem como objetivo proteger igualmente os bens culturais de natureza material e imaterial onde se estabelece o registro do Patrimônio Cultural Imaterial como instrumento legal de salvaguarda de bens culturais.

A pesquisa etnográfica compreende a vida e a existência social como localizadas e resultantes do encontro e do relacionamento, onde emergem todas as formas de negociação, solidariedade, valores, redes, transmissão, trocas, simbologias e cerimônias, conflitos, compartilhamentos, dentre outros. Tudo que se vem construindo ao longo desses quinze anos de convivência é o que se intensificou ao longo dos dois anos de mestrado, alinhando aos autores que comungam dessa experiência e que dialoguem com a minha escolha

O período da pesquisa de campo se deu de 2003 a 2019, todas as informações colhidas durante esse processo fizeram parte da trajetória desse trabalho, pois as falas de Dona Cadu, que mais se repetiam durante o período de convívio, foram as selecionadas para servirem de base dos materiais, relatório e produto final. A escolha do recorte dado ficou no último ano, quando se pôde observar que a própria Dona Cadu em suas falas já tinha seu recorte pronto, como se essa fosse a escolha daquilo que gostaria que as pessoas conhecessem sobre ela. Para que eu compreendesse isso, foram anos de observação e só então, no processo de conclusão foi necessário compactar uma trajetória de 16 anos de convívio e 99 anos de história, foi que pude compreender.

Meu trabalho de pesquisa teve como porta de entrada o barro, a cerâmica, as técnicas de queima ancestral, que já vinha pesquisando e percorrendo grandes polos de cerâmica popular na região do Nordeste - Paraíba, Pernambuco e Bahia - totalizando mais de 20 polos de cerâmica popular, onde a grande maioria produzia cerâmica utilitária, painéis, potes, frigideiras, cuscuzeiros e fogareiros, com influências indígenas, africanas e portuguesas, com algumas similaridades, em alguns casos, e muita distinção em outros.

A cerâmica de Dona Cadu, foi para mim, uma pesquisa de muitas particularidades, em que a queima da louça se destaca. A forma de quebrar o barro, quando colocam o carro para passar por cima, também era peculiar. Hoje Santa Luzia, polo de loiceiras, na Paraíba, após assistirem um vídeo de Dona Cadu se

inspiraram e incluíram em seus processos produtivos essa forma de quebrar o barro, que antes era pilando. Esse fato revela a importância da difusão dos saberes e fazeres.

Quando cheguei em 2003, já tinha conhecimentos suficientes para fazer essa análise de interesse pelo processo do fazer a louça. Aluguei uma casa e passei um mês acompanhando todo o processo do fazer passo a passo. Nesse período, a minha preocupação era apenas o registro do fazer e das técnicas e para tal recursos de áudio visuais foram utilizados: entrevistas gravadas; entrevistas filmadas e transformadas em documentário; e imagens fotográficas. Tudo isso, aos poucos, era transformado em produtos de divulgação, revistas e congressos. Em alguns eventos, contando com a participação de Dona Cadu.

Acompanhá-la em seu fazer habilidoso de transformar o barro em utensílios, foi só a porta de entrada para conhecer seus outros saberes ancestrais, conhecimentos que eram desvendados aos poucos.

Como comecei a ser convidada para as apresentações do seu grupo de samba de roda, sua forma de dançar era muito diferente das outras mulheres que conhecia no Recôncavo, lembrava mais as danças de Caboclo dos terreiros de Candomblé da nação Angola. Seu filho, Balbino, era quem puxava o samba. Eu ficava observando e registrava, mas em todas as ocasiões era chamada pelas mulheres da roda para que sambasse com elas também.

Aos poucos seus conhecimentos eram assim revelados. Na verdade, o barro foi apenas a porta de entrada que possibilitou que eu fosse descobrindo, a cada visita, novos conhecimentos. Alguns eram registrados, outros não, isso por se tratar de conhecimentos muito particulares, que optei por não registrar. Essa alternativa reflete opções, pois são seleções e permissões feitas em conjunto. Algumas verbalizadas e outras compreendidas. Depois vieram as rezas de Cosme Damião. Rituais que por mais de setenta anos são por ela realizados.

Um dia meu carro quebrou em sua porta, sem sinal de celular, sem ter como retornar acabei ficando ouvindo sempre uma fala para essas situações: “Foi um livramento minha filha, fique aí e aguarde o tempo que for necessário.” Dessa vez o livramento veio acompanhado de novos conhecimentos, pois enquanto aguardava pude acompanhar as pessoas que iam ser rezadas por algum mau acometido, dessa forma os relatos sobre as curas e graças atendidas iam sendo revelados. Talvez a forma de pesquisa realizada e sua metodologia de campo não tenham

seguido por normas estabelecidas e convencionais para a acadêmia, mas sim pelos trâmites das trocas de conhecimentos ancestrais, como feito nos terreiros de candomblé onde “Tempo” é a respostas das coisas. Aqui cito, ainda que de forma não convencional, outro ser excepcional do Recôncavo Baiano – Caetano Veloso (1989):

*És um senhor tão bonito
Quanto a cara do meu filho
Tempo tempo tempo tempo
Vou te fazer um pedido
Tempo tempo tempo tempo
Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo tempo tempo tempo
Entro num acordo contigo
Tempo tempo tempo tempo
Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo tempo tempo tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo tempo tempo tempo
Que sejas ainda mais vivo
No som do meu estribilho
Tempo tempo tempo tempo
Ouve bem o que te digo
Tempo tempo tempo tempo
Peço-te o prazer legítimo
E o movimento preciso
Tempo tempo tempo tempo
Quando o tempo for propício
Tempo tempo tempo tempo*

*De modo que o meu espírito
Ganhe um brilho definido
Tempo tempo tempo tempo
E eu espalhe benefícios
Tempo tempo tempo tempo
O que usaremos pra isso
Fica guardado em sigilo
Tempo tempo tempo tempo
Apenas contigo e comigo
Tempo tempo tempo tempo
E quando eu tiver saído
Para fora do teu círculo
Tempo tempo tempo tempo
Não serei nem terás sido
Tempo tempo tempo tempo
Ainda assim acredito
Ser possível reunirmo-nos
Tempo tempo tempo tempo
Num outro nível de vínculo
Tempo tempo tempo tempo
Portanto peço-te aquilo
E te ofereço elogios
Tempo tempo tempo tempo
Nas rimas do meu estilo
Tempo tempo tempo tempo
(VELOSO, 1989)*

Só pude saber que ela rezava as pessoas e que ninguém da família quis dar continuidade, me ofereci para registrar as rezas e ela prontamente aceitou. Preocupada pela responsabilidade desse registro decidi que queria fazê-lo de forma acadêmica, escrevendo uma autobiografia a quatro mãos sobre sua história. Sendo essa a ideia original e a proposta do projeto.

Já nas primeiras aulas, quando conheci Professora Dra. Vanda Machado, quando falou sobre seus projetos e experiências com as crianças e seus métodos de aprendizagem, utilizando contos, partindo das histórias propriamente vivenciadas e muitas delas de conhecimento do cotidiano, imediatamente percebi que seriam as crianças que deveriam ser estimuladas a conhecerem as Histórias de Dona Cadu. Assim, poderiam construir suas próprias histórias de família utilizando a oralidade familiar como ponto de partida, já que estamos numa região que é um celeiro de conhecimentos. Descobri-los e valorizá-los seria meu novo objetivo.

A historiadora portuguesa Isabel Barca (2013) em entrevista publicada no site Nova Escola afirma que é necessário trabalhar as fontes históricas fazendo conexões entre passado e presente, essa historiadora defende a importância de História na educação básica onde os alunos sejam os sujeitos de sua história.

A história da protagonista Dona Cadu, inserida nesse território chamado Recôncavo, é única com muitas particularidades, mas também representa a história de muitas outras mulheres locais que resistiram ao anonimato e ao esquecimento. A oralidade e seu registro foi o caminho para o reconhecimento não só acadêmico como o reconhecimento das futuras gerações.

Segundo Orioux (1986), biógrafo francês, devemos reunir o maior número de conhecimento possível sobre nossa personagem histórico, a fim de se aproximar, tanto quanto possível da sua verdade viva, com o máximo de precisão de autenticidade e propriedade. “[...] quanto melhor fui conhecendo o personagem, menos severo me fui tornando em relação a ele. Tive, pois, que me informar, para melhor compreender. A informação é fundamental”. (ORIEUX, 1986, p. 34).

Depois de coletadas as muitas informações, foi o momento de optar pelo recorte que faria, sobre os temas a serem abordados. Para minha surpresa observei que durante várias entrevistas, que eu pude acompanhar e registrar, existia um assunto que sempre era dito, um recorte natural e fiel de suas histórias. Assim surge o recorte retratado no livro “O Dia que Almocei minha Bisa”.

O nome do livro foi definido em uma tarde no ano de 2017, junto com Professor Dr. Kabengele Munanga, antropólogo, em conjunto com o seu filho Mbiya Munanga, ilustrador. Foi um momento de sugestões e possibilidades, pois seria o início da construção do projeto da disciplina de Metodologia da Pesquisa e da produção de materiais didáticos, da professora Martha Rosa.

Na oportunidade do início da elaboração do livro, especificamente nesse encontro, foram vários os nomes sugeridos. Por fim, decidimos em conjunto por “O Dia que Almocei a Bisa”, sugestão do mestre Kabengele Munanga. A partir daí foram feitos alguns estudos para a apresentação. Dois importantes ilustradores apresentaram seus projetos. O trabalho final da disciplina foi um grande marco para já ter início as considerações dos orientadores que estavam presentes na apresentação do projeto.

No ano 2018, optei por trabalhar diretamente com as crianças em sala de aula da escola do jovem Murilo. Murilo, um garoto de 11 anos, bisneto de Dona Cadu,

sempre presente em muitas das minhas entrevistas, seria personagem do livro. Assim optamos por realizar as oficinas na sua escola - Escolinha Sabor de Mel. A escola fica localizada no distrito vizinho de Coqueiros, em Nagé. Assim, pude transformar as experiências da oficina em um processo metodológico de adequação e resultados a serem alcançados com o livro

Quadro 1 – Estrutura da primeira oficina com as crianças

MOMENTOS DA OFICINA	DESCRIÇÃO
I	As crianças ouviram atentamente as histórias de Dona Cadu e, nesse momento, tinha espaço para perguntas. Nessa etapa pode-se observar que a fala de Dona Cadu sobre a sua própria vida, se repetia como em muitos momentos já registrados. A fala expressada pela própria Dona Cadu é uma escolha, o seu resumo de vida, um relato dos fatos mais importantes que venho acompanhando nesses longos 16 anos. Foi desse imbricamento de informações que tirei o texto base do livro.
II	As crianças participaram da oficina de argila, no próprio espaço de trabalho de Dona Cadu. Nesse momento as crianças tiveram a oportunidade de solicitar ajuda da “Sabia Anciã”, que sentada em sua posição de cócoras e com olhar muito atento, ia atendendo pouco a pouco os “aprendizes”, retirando-lhes as dúvidas do preparo. A posição me pareceu, para eles, muito desconfortável, pois logo trataram de fazer em pé e seguiram assim por horas apenas se curvavam para tirar suas dúvidas. Depois de ir aparecendo muitos chamados Caixixis, Na oportunidade Dona Cadu foi interrompida e deu um intervalo para atender uma senhora que estava vindo de longe para ser rezada. As crianças, em meio ao frenesi, ficaram empolgadas com as folhas que eram batidas na senhora que veio em busca de auxílio. Mais tarde a agente comunitária interrompeu para fazer a vacina da campanha de gripe.
III	Está relacionada a aplicação produtiva do conhecimento, ou seja, a capacidade de instaurar conhecimentos armazenados em sua memória e utilizá-los em uma ação.

Fonte: Elaboração própria (2019)

A oficina foi realizada em 12 de abril de 2019, com a devida autorização de Dona Cadu e seus familiares, bem como da Diretora da escola Selma Viviane de Souza de Brito. As doze crianças, de idade entre 11 e 13 anos, foram até o espaço onde Dona Cadu trabalha. A oficina foi estruturada conforme quadro a seguir.

No dia 15 de abril de 2019, logo pela manhã, com o objetivo contar de história já elaborada para as crianças e depois levando bloco de papel e lápis de cor pedi para que fizessem as imagens do texto e fiz a segunda Oficina. A Oficina ocorreu na seguinte sequência:

Quadro 2 – Estrutura da segunda oficina com as crianças

MOMENTOS DA OFICINA	DESCRIÇÃO
I	Após a experiência com os desenhos pensei em outra alternativa. Solicitei que uma jovem, de 12 anos, que se chama Késia de Jesus Conceição, filha da minha costureira, que reside em Muritiba, uma cidade vizinha, realizasse os desenhos após a contação das histórias de Dona Cadu, tendo nessa oportunidade, apresentado para ela o texto compilado. Kezia é do Recôncavo Baiano e estuda em São Félix. A partir das histórias, vídeos e fotos realizou os desenhos a mão livre, que foram selecionados para compor a ilustração do livro.
II	Dividi as crianças em 2 grupos, com divisão dos componentes estabelecida por elas mesmas. Após a organização dos grupos foi entregue, para cada grupo material de desenho. O material entregue continha: bloco de folhas e lápis colorido. Propus que desenhassem a experiência e os relatos de Dona Cadu. Na oportunidade, e para minha surpresa, a grande maioria das crianças não realizaram desenhos livres. Utilizaram a régua e poucos coloriram o desenho. Assim, não poderia, como previsto, usar os desenhos dos alunos para ilustração da obra. A Oficina não gerou, no que diz respeito as ilustrações, pois os desenhos não atenderiam a finalidade que eu pensara - um material rico para pesquisa de outras temáticas educacionais a serem pesquisadas.

Fonte: Elaboração própria (2019)

O livro foi estruturado a partir dos desenhos de Kezia que refletem a oralidade de Dona Cadu, apresentada a ela por vias distintas. Desenho a desenho o livro foi ganhando forma. Após o meu entendimento de que havia atingido um formato adequado o submeti a muitas provas e a muitos olhares profissionais. Foram profissionais da área de educação, artes visuais, história, marketing, administração, direito. Depois de tudo pronto, a primeira a fazer os comentários e ter acesso ao material foi a própria Dona Cadu, seus familiares e Kesia. As ilustrações das páginas do livro estão apresentadas no APÊNDICE C.

Destaco aqui que essa construção pode ser referenciada como uma construção coletiva e colaborativa, que reúne participações distintas de diferentes atores. A protagonista, Dona Cadu; O personagem e companheiro de pesquisa, Murilo; a ilustradora, Kesia; as crianças da Escolinha Sabor de Mel; professor Dr. Kabengele Munanga em conjunto com o seu filho Mbiya Munanga, grandes colaboradores na construção do título; meus Professores, Vanda Machado pela Inspiração e a amiga Professora Tania Moura que teve tanto empenho na revisão detalhada de tudo .

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE O TEMA

Para a construção dessa seção foi realizada uma pesquisa bibliográfica, consultando publicações que tivessem aproximação com a temática central. Assim, foram consultados artigos encontrados em revistas acadêmicas, livros, teses, entre outros. São apresentados a seguir a análise dos mais relevantes achados.

Etchevarne (2003) escreveu um artigo intitulado “Sobrevivência de técnicas ceramistas tradicionais no Recôncavo Baiano: Um Registro etnográfico.” Nessa obra o autor considera Coqueiros como uma localidade do Recôncavo Baiano destinada a cerâmica que se destina a preparação de alimentos, modos semelhantes da população indígena no período pré e pós-colonial, onde esse lugar tem como foco de estudo a manufatura da cerâmica e organização do trabalho.

A falta de organização como associação cooperativa é lamentada por Etchevarne (2003), porém valoriza o sentimento coletivo, a respeitabilidade e a valorização do próprio trabalho com um sentimento coletivo e consciente de serem transmissoras de uma tradição digna, sem vínculo empregatício, portanto, zeladoras do seu próprio tempo.

Para mim, foi muito curioso essa observação feita pelo Etchevarne (2003), permitindo a percepção de um dado por mim não observado com tanta sensibilidade, sem um olhar que pudesse fazer desse relato uma observação nociva até mesmo vitimista, que não se observa naquela região. Ele valoriza o sentimento coletivo mesmo que não de forma institucionalizada. Dona Cadu é citada como uma liderança na cerâmica, volto a salientar que ainda assim me falta o olhar de sua amplitude de conhecimentos que vão muito além da sua atividade como ceramista.

Nesse artigo Etchevarne (2003) descreve todo o processo da feitura da cerâmica, iniciando pelo local que é observado a aproximação da casa ao espaço de trabalho, a compra e retirada do barro e do Tauá, não é comentado que essa é a única atividade feita pelos homens, mulheres também fazem porém hoje já compram o barro de forma coletiva e é entregue na porta, as demais atividades são de grande maioria feita por mulheres.

Quando o barro chega é feito a limpeza e retirada suas impurezas, um fato não citado nesse artigo é que antigamente o barro era pilado, depois que asfaltaram a rua elas criaram uma forma que julgo ter sido de grande criatividade que foi colocá-lo na porta de casa para que o carro possa triturar e depois é colocado para

dentro de casa, esse relato é para mim muito significativo, pois tive a experiência de ter passado um documentário numa região de ceramistas na Paraíba que ainda pilavam o barro que passaram a usar essa técnica depois de terem visto essa possibilidade de quebra do barro, foi para mim uma grande surpresa depois de retornar ao local e ver que eles absorveram esse conhecimento de forma espontânea.

Na hora da queima é estabelecido pelo Etchevarne (2003), um horário como sendo o ideal para queima (13:00 às 14 horas), eu já observo de uma outra maneira, que o horário segue as tábuas da maré em que a entrada dos ventos é de acordo com a entrada do mar no rio onde deslocam os ventos, não tendo assim um horário estabelecido. Os ventos são significativos para uma queima rápida que leva aproximadamente segundo o artigo uma média de 36 minutos sendo que nos 10 primeiros minutos a temperatura chega no seu ponto mais alto de 820 graus e vai caindo sucessivamente. Para seus estudos significa uma queima incompleta que não prejudica na qualidade, podendo as panelas serem utilizadas na chama do fogão a gás, no forno a gás e no forno de micro-ondas.

É citada a comercialização das panelas de barro quando antigamente as louceiras frequentavam as feiras semanais de Maragogipe, Cachoeira, São Félix, prática que observei em todas as pesquisas que fiz pelo Nordeste e que não tinha questionado sobre essa mudança de comportamento, onde não temos na feira nenhuma comercialização de panelas de barro, segundo o estudo feito pelo professor elas acreditam que as vendas feitas apenas no local de trabalho seja suficiente para a manutenção das famílias. Um dado que para mim foi muito surpreendente e que me passou despercebido merecendo no meu olhar um estudo mais aprofundado sobre essa opção estabelecida pela comunidade já que sabemos que a feira tem um significado muito forte para a comercialização desses produtos.

Etchevarne (2003) cita a importância dos órgãos como Instituto Mauá de Salvador, que por meio de publicações, exposições e feiras divulgou a cerâmica, além das viagens de estudo organizadas semestralmente por professores da Universidade Federal da Bahia, das áreas de Arqueologia, Antropologia e Belas Artes, contribuem para a difusão dessa comunidade. Lamento que não tenha outros relatos desse mesmo incentivo vindo de outras Universidades da qual tenho a certeza que seriam de grande valia para a manutenção e preservação desses conhecimentos.

Uma questão muito interessante que Etchevarne (2003) aborda são as questões simbólicas, prescrições, rituais e tabus que foram comentados que existiam e que atualmente não são mais utilizados. Como D Cadu que dá um exemplo, que seu pai não recomendava cavar o barro em lua nova e não comer farinha perto do barro ou das panelas em fabricação, sob pena de quebrarem, segundo seu relato hoje não mais utilizam dessas crendices. Eu mesma durante esses 16 anos que venho acompanhando suas atividades nunca ouvi essas falas, porém observo que a forma de fazer as panelas, de queima-las suas técnicas tudo na minha opinião fazem parte de um conhecimento ritualístico implícito no saber, as mãos quando tocam o barro sabem se ele está ou não apropriado para ser utilizado, o preparo do forno, o horário da queima, os cuidados com o corpo na hora de vestir as roupas e se proteger do calor, existem rituais ainda pouco estudados implícitos nesse fazer.

Com isso o artigo retrata uma fonte de informação significativa para as interpretações e estudos arqueológicos, registros etnográficos importantes para as técnicas indígenas, onde ressalta que até o momento na Bahia, não foram realizadas pesquisas acerca da cerâmica de origem africana e sua influência na produção contemporânea, sendo assim sabemos que esse tema ainda possuem lacunas de pesquisas a serem realizadas que possam melhor esclarecer sobre essa influência ainda preservada dos seus conhecimentos existentes até o momento nessa comunidade de características tão peculiares das demais cerâmicas por mim pesquisadas na região do Nordeste brasileiro. Lembrando que o parágrafo acima citado não foi realizado pesquisa para contextualização, para saber se na atualidade já existam informes sobre a influência da cerâmica africana na contemporaneidade.

Resultado de um projeto de extensão, pertencente ao Grupo de Pesquisa e Extensão em Políticas Sociais e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) que é composto por discentes dos cursos de Serviço Social, Museologia, Gestão Pública, Ciências Sociais o artigo de Queiroz. et al. (2012) tem como propósito primário conhecer a realidade da comunidade de Coqueiros através da aplicação de questionários, em uma pesquisa quantitativa, que detectou, na região, após a coleta dos dados sobre duas economias principais: Pesca e a confecção de cerâmica.

Queiroz. et al. (2012) afirmam que não tem possibilitado com raras exceções, melhorias na qualidade causando desvalorização social dos sujeitos envolvidos, e o afastamento dos jovens no aprendizado da cerâmica. Eleitos 3 eixos de atuação: Educação Patrimonial, a Cidadania e o Turismo.

Segundo Queiroz et al. (2012) existe uma necessidade de preservação e informação acerca do patrimônio cultural negligenciado cotidianamente na comunidade. Já aqui na minha primeira leitura e desse artigo me causam um certo incômodo por considerarem a comunidade negligente ao patrimônio cultural, se é a comunidade que detém o conhecimento desse patrimônio do qual por gerações vem sendo preservado por muita resiliência e que deve ser enaltecido e não criticado, assim como apontam a desvalorização social dos sujeitos envolvidos afastando os jovens do aprendizado da cerâmica.

É citado por Queiroz et al. (2012) que a lógica da tradição é geracional e passada através da oralidade e mimetismo, um exercício de tradição. A memória é o elemento principal da unidade do grupo e o principal para ser transmitida a tradição.

É colocado que a realidade desvalorizada da produção de cerâmica de Coqueiros corre o risco do desaparecimento “dessas olarias”, vou avaliando algumas informações que para o meu entender sejam demasiadamente impregnada de valores advindos de outras realidades e valores. O termo usado para aquela região designado “Olarias”, também nunca antes tinha visto, já que olarias são lugares de fabricação de tijolos ou telhas de origem portuguesa do qual não tem sentido o uso para essa localidade, nem tão pouco defini-los como oleiros, podendo ser chamadas de paneleiras, ceramistas, louceiras.

Quando relatam uma submissão aos ditames do capital comercial, essa fala esbarra no meu discurso contrário, no caso D Cadu que se governa, que aos seus quase 100 anos usa de estratégias subliminares que detectam qualquer tipo de relação abusiva e que de maneira inteligente sabe conduzir suas economias de acordo com suas prioridades, fatos esses indiscutíveis.

Queiroz et al. (2012) ainda fala da necessidade de uma estrutura turística que venha atender as necessidades dos seus visitantes, onde na verdade o que ocorre na minha opinião é que o turista que deve ser preparado para fazer essa visita. O turista não é informado antes de entrar na comunidade de como se comportar, eu mesma já acompanhei por diversas vezes a falta de sensibilidade com o trabalho ancestral a ser visitado, chegam sem pedir permissão, sem pedir a benção e vão

logo sacando suas máquinas fotográficas para fazer o registro daquilo que não estão acostumados a ver . Portanto, eu iniciaria um trabalho de educação primeiramente ao turista que está visitando o espaço de conhecimentos milenares. Você não está ali para comprar uma peça apenas de cerâmica e sim uma história envolvida nessa peça, impregnada de conhecimentos.

Encontro a definição de cerâmica, no texto de Queiroz et al. (2012), como vindo do grego “Keramos” ou “terra queimada”, arte secular datada anteriormente a era Cristã e indício das civilizações antigas nas escavações arqueológicas.

O barro, de acordo com Queiroz et al. (2012), aparece em passagem bíblica para explicar a criação do Homem por Deus, porém gostaria de complementar que além da aparição cristã temos algo também importante no candomblé onde Olorum entidade suprema cria o homem a partir do barro cedido por Nanã, a divindade mais velha feminina que mora e cuida do mangue, portanto, esses símbolos tem muito significado já introjetado no ato do fazer.

O perfil da comunidade de Coqueiros, segundo Queiroz et al. (2012) são de cerca de 40 artesãos onde majoritariamente idosos com mais de 20 anos na atividade, mulheres, negras, com baixa escolaridade, mais de 40 anos, renda familiar de um salário mínimo auxiliadas por programas como bolsa família.

Foram comentados sucintamente os procedimentos da elaboração da cerâmica, descreveram na queima que depende da experiência na quantidade de lenha para a qualidade e finalização das peças, acredito ter existido algum equívoco pois a queima é feita apenas com bambus e nunca com lenha.

Aí é feita a descrição da ação feita no Colégio Estadual Nossa Senhora da Conceição com 145 alunos, que foram divididos por módulos onde a construção de levantamentos diagnóstico de problemas como :infraestrutura, acessibilidade, limpeza, qualidade nos serviços públicos, foram levantados pelos próprios alunos e à partir desse levantamento criaram um possível roteiro turístico, e a orientação dos alunos quanto a importância do atendimento de qualidade ao turista.

Queiroz et al. (2012) não disponibiliza essa conclusão do Roteiro elaborado isso de uma certa forma seria uma oportunidade de que agentes da rede hoteleira da região do Recôncavo pudessem fazer uso dessa conclusão e até de uma certa forma ter interesse em patrocinar esse roteiro.

Ainda ressalto no meu olhar algumas das falas desse artigo como: “Coqueiros apesar de ter atrativos como: As ceramistas, a pesca, o samba de roda, a culinária,

dentre outros, vêm sofrendo com o “esquecimento” das autoridades locais, além da desvalorização por parte dos próprios moradores e desprezo dos jovens pelas culturas locais” (QUEIROZ et al. 2012).

Eu apenas concordo com o esquecimento das autoridades locais que nesses 16 anos que venho acompanhando essa região percebo que não só as autoridades locais como a nível estadual que pouco se preocupam em salvaguardar os “Tesouro Humanos Vivos” que a localidade possui. Porém, já discordo sobre achar que a comunidade se desvaloriza e que existe um desprezo dos jovens pelas culturas locais, essa visão talvez possa estar inserida num possível olhar já estabelecido previamente dos pesquisadores, já que a metodologia escolhida como quantitativa numa comunidade de riquezas múltiplas pode vir mascarar subjetividades nas respostas, quando se faz a opção por esse tipo de metodologia que acho muito apropriado para se trazer dados e gráficos mais não interpretações tão depreciativas da localidade como essa que observo de uma certa forma desqualificando uma das características que mais é possível observar a resistência e o saber transmitido pela oralidade. O desinteresse do jovem possa a ser apenas um resultado do acesso as novas tecnologias e que podemos observar causa esse distanciamento com as fontes do conhecimento ancestral, porém isso é o mau da nova geração e não se dá apenas na comunidade de Coqueiros no meu entender.

Queiroz et al. (2012) também foca a fundamental importância do turismo como fonte de renda e estratégia de desenvolvimento, sendo apontado com relevância o Turismo Cultural material ou Imaterial como o destino mais procurado do turismo na atualidade pois alega uma troca de informações entre as diferentes culturas locais, onde o turista não deseja ser apenas um mero expectador e sim deseja relacionar-se com o contexto, compreende-lo e vivencia-lo.

Aqui eu faço meus comentários com um certo conhecimento por ter já a 6 anos uma pousada e observar muito claramente os diferentes tipos de turista, quando se diz desejar uma troca cultural já esbaramos com o fato de termos uma característica muito peculiar de uma população de tradições bem definidas e singulares. Não saberia dizer se a comunidade está aberta para fazer essa troca já que ela é guardiã de segredos, visto existirem muitos turistas despreparados para a imersão nessas comunidades. Ninguém para questioná-los se realmente é isso que eles desejam, pois transformar em uma cidade turística significa seguir alguns padrões já estabelecidos como: ter horários regulares, sabemos que aqui existem

uma flexibilidade natural onde as pessoas fecham seus estabelecimentos se um parente , ou amigo ou vizinho falecer, que em período de festas nos terreiros os filhos daquela casa tem obrigações para cumprir, porque a espiritualidade está em primeiro lugar, que os finais de semana a família e o lazer são prioridades, existem valores que ainda não foram calculados para que se tenha um turismo nos moldes de outros lugares já implantados .

Acredito que seja preciso um olhar atento para os sinais claros que são vistos durante o cotidiano, a auto estima local é um fator a se considerar, e posso considerar que ela é alta o suficiente para considerar que mesmo com todas as dificuldades apontadas no artigo não podemos negar que temos uma das maiores diversidades culturais encontradas num território como o do Recôncavo Baiano.

O soteropolitano em sua grande maioria desconhece o Recôncavo e esse seria o maior público a ser atingindo, porem observo que muitos chegam desconhecendo aquilo que vão encontrar, ou até mesmo desmerecendo o que se tem para enriquecer. Portanto, eu questiono quem deve se adequar? A população guardiã de sabedorias milenares advindas de uma diversidade cultural? Ou o turista que está acostumado a um turismo muitas vezes predatório, consumista e explorador. Nos meus quase 7 anos de pousada atendendo pessoas do mundo inteiro, das mais diversas, levando pessoalmente esses visitantes nos lugares e preparando para o que vão encontrar porque afinal essa resistência peculiar da população mesmo que possa algumas vezes parecer inconscientemente, preserva e mantem a “cidade não capitalista” como relata um sábio e querido amigo. Deixo esse questionamento em aberto pois são apenas observações que venho tendo ao longo dessa jornada.

Queiroz et al. (2012), no artigo “Mãos que modelam o barro – memória e tradição em Coqueiros”, tem como objetivo abordar memórias e pertencimentos étnicos no cotidiano das ceramistas de Coqueiros, Maragogipe-BA e a relação entre os saberes empíricos da comunidade, acerca segundo a autora das ancestralidades e reminiscências no trabalho das cerâmicas ou louças produzidas, e o viés com os saberes da Educação de Jovens e Adultos EJA.

Queiroz et al. (2012) aborda a escolha da metodologia e justifica o tempo todo com seus aportes teóricos, retrata a identidade africana presente na língua, contos, crenças e práticas religiosas assim como a arte, a música e ritmos corporais.

Já a presença indígena também ressalta o silenciamento assim como a invisibilidade, que acredita estar reproduzida no ambiente escolar, através do “branqueamento”, condutor segunda a autora de um modelo educativo, que não contempla o multiculturalismo, elencando a cultura branca como protagonista das práticas educativas do cotidiano, quando cita Santos (2014), revela os modelos que foram impostos aos índios com o intuito já naquele período de dominar e converter através da catequização, aldeamentos o controle da vida e do cotidiano dos povos nativos ancestrais.

É ressaltado no texto de Queiroz et al. (2012) que as demandas culturais dos povos negros e indígenas que vem ao longo do tempo através das associações e dos movimentos sociais em favor das chamadas pela autora “minorias”, da qual vou discordar pois sabemos que a população negra no Brasil não é minoria.

Em seu texto, Queiroz et al. (2012), valoriza a Lei 10.639/2003 e a Lei 11645/2008, assim como reconhece sancionadas pelo presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, que estabelece o ensino obrigatório nas escolas de ensino fundamental e médio, nas instituições públicas e privadas a disciplina de História e da Cultura Afro- Brasileira e Indígenas. Esses foram os parâmetros para que o artigo tem como proposta contribuir no fortalecimento e empoderamento das ceramistas.

Os questionários utilizado na pesquisa desenvolvida por Queiroz et al. (2012) demonstra que a cerâmica que por muito tempo foi fonte de recursos das famílias, melhorando a vida de muitos que podem estar com os dias contados, e que filhas não desejam essa vida assim como suas mães não desejam (relatos segundo a autora extraídos de uma ceramista). Aqui já faço meu comentário sobre esse registro, o que podemos concluir com a fala de uma ceramista durante uma entrevista? Esse dado realmente pode auxiliar em alguma conclusão significativa para essa região, onde eu possa concluir que essa atividade que outrora foi fruto de geração de renda que manteve muitas famílias como renda principal, hoje não consegue mais atingir a demanda de um consumismo antes não havido, como internet, TV a cabo, celular e outros, demandas essas que implicam em dificuldades, sentidas por todos os seres das classes baixas e medias. O número de jovens desempregados e aqueles que optaram em ficar sob os cuidados dessas ceramistas será que também não aumentou porque hoje todas as classes sociais estão sofrendo com o desemprego, um problema nacional da nossa era.

Queiroz et al. (2012) revelou que a relação das ceramistas com a escola e o trabalho foi percebido um certo desinteresse e que a relação delas é distante, assim como o conhecimento local dos professores com relação as atividades desenvolvidas. Aqui faço também minhas considerações o fato de que elas aparentemente não possuem interesse em estudar não faz delas as pessoas que possam estar do outro lado do papel, não como alunas e sim como mestres que na ao meu ver seria o local mais apropriado assim como Dona Dalva (do Samba de Roda Suerdick) recebeu o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal do Recôncavo pelo seu saber tão complexo e plural da nossa cultura.

Nascimento (2011) em sua dissertação de mestrado realizou uma pesquisa de reconhecimento da Maestria como construção legitimada sistematizada dos saberes atribuídos aos mestres artesãos, em que se levantou os três mestres gestores de suas lidas no ofício, as ceramistas Dona Cadu, Dona Nitinha e Mestre Vitorino.

Nascimento (2011) traz aportes teóricos significativos para elucidar terminologias e conceitos de extrema importância para um gestor que queira compreender a importância dos mestres de saberes, conhecimentos esses que percebo não fazer parte dos conhecimentos de muitos gestores da atualidade que atuam em comunidades de importância relevante de mestres dos saberes.

Sennet (2009) diz que a habilidade artesanal é um estilo de vida, um impulso humano básico e permanente, o desejo de um trabalho bem feito por si mesmo. Nascimento (2011) define algumas palavras que entendem como necessárias para construção social da maestria artesanal - competências, conhecimento, habilidade e atitude, conforme o quadro a seguir:

Quadro 3 - Critérios para construção social da maestria

PALAVRA	CONCEITO
COMPETÊNCIA	Sentido da externalização da capacidade de alguém no exercício de sua ação profissional (BRANDÃO; Guimaraes, 2001 apud GOLDIM et al. 2006).
CONHECIMENTO	Corresponde a informações que, ao serem reconhecidas e integradas pelo indivíduo em sua memória, causam impacto sobre seu julgamento ou comportamento (BLOOM et al., 179; DAVIS e BOTKIN, 1994). Diz que se refere ao saber que a pessoa acumulou ao longo de sua vida, algo relacionado a lembranças de conceitos, ideias ou fenômenos.
HABILIDADE	Está relacionada a aplicação produtiva do conhecimento, ou seja, a capacidade de instaurar conhecimentos armazenados em sua memória e utilizá-los em uma ação.
ATITUDE	Diz respeito a um sentimento ou a predisposição da pessoa, que determina a sua conduta em relação aos outros, ao trabalho ou a situação (CARBONE et al.2005).

Fonte: Elaboração própria (2019) com base em Nascimento (2011)

A construção social da maestria vem com fatores do “Ser”, “Saber” e “Fazer”, onde o saber técnico não é o de maior relevância para ser um Mestre, o valor simbólico/ subjetivo é que tem importância.

Eu sempre norteiei meu trabalho e minha pesquisa baseada sempre na importância simbólica, nunca me preocupava com a fragilidade da peça em si ou dos problemas possíveis que a arte finalizada pudesse apresentar, sempre para mim a importância maior era o todo, o contexto que envolvia o mestre, suas histórias, e todo o processo que envolvia sua obra, que traz impregnados nas peças toda a subjetividade. O que para muitos poderiam parecer falta de conhecimento ou possível erro para mim sempre fez parte do processo histórico da obra, que guarda em si conhecimentos e sabedorias ancestrais, e uma energia peculiar que quando adquirida é emanada. Portanto minha teoria é de que adquirindo um objeto de um mestre você estará levando a energia do lugar e de todo seu processo de feitura e das mãos de quem os fez.

Nascimento (2011) continua elucidando como em 1972 existia a preocupação com a preservação e a valorização do patrimônio cultural de forma mundial quando foi firmado em 17ª Sessão da Conferência Geral da UNESCO, sobre a proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural. A Convenção, 1989, na 25ª Reunião da Conferência Geral da mesma foi definida a Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular, a qual fundamentou as ações de preservação dos bens culturais dessa natureza em todo o mundo. Em 2003, foi promulgada a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial, levando países como o Brasil a atuar de maneira sistematizada para a proteção e preservação das práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos recolhem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

A experiência japonesa de salvaguarda do patrimônio cultural serviu de base para a UNESCO elaborar, a partir de 1993 a proposta de dispositivo para o reconhecimento e o apoio financeiro aos detentores de conhecimento tradicionais. Recomendou-se aos países membros desta organização que indivíduos ou grupos fossem declarados oficialmente “Tesouros Humanos Vivos” e, passassem a receber ajuda financeira do Estado para que pudessem transmitir seus conhecimentos às novas gerações, ficando assim o mestre a figura transmissora de saberes.

Aqui no Brasil não foi adotado no sistema de preservação do Patrimônio Cultural Imaterial montado pelo governo Federal onde seus especialistas tiveram uma visão específica que no olhar deles.

Focalizando a expressão cultural e o território em que se desenvolve ou ocorre, é possível atuar em todos os aspectos que a colocam em risco ou a enfraquecem – e naqueles que a fortalecem. Também são fundamentais todos os atores sociais envolvidos ou relacionados com a prática (inclusive o público que a envolve e a consome), e não apenas os chamados “mestres”.

Aspecto da transmissão do saber é, sem dúvida, extremamente importante, mas algumas vezes não é esse o problema que a manifestação cultural, enfrenta de maneira mais grave. Muitas vezes os problemas são econômicos, ambientais ou, por exemplo, de expressão cultural (isto é, de acesso às matérias primas). Podem também ocorrer questões relacionadas à falta de organização grupal ou comunitária. Levamos em conta ainda a tradição dos registros etnográficos brasileiros que também focalizam a expressão cultural em sua globalidade, e os riscos de clientelismo e assistencialismo que um programa limitado ao reconhecimento de pessoa poderia ensejar. Por fim, nos países asiáticos os chamados “Tesouros Humanos Vivos” são figuras centrais porque a questão da “autenticidade” da expressão cultural (isto é, a forma canonizada de fazer) é mais importante do que para nós. Temos culturas mais híbridas, mais mutantes e mais antropofágicas. O mestre é importante para nós, não como parâmetro que deve ser seguido à risca, mais como alguém que ensina algo que será transformado ou adaptado logo em seguida. Na nossa cultura (ou culturas) o mestre, em geral, é um bom executante ou um bom criador. (IPHAN/ DPI, 2008).

Aqui farei uma pausa para tecer meus comentários sobre essa definição feita por especialistas da qual irei discordar em alguns momentos onde meus anos de atuação em comunidades de saberes populares me fizeram observar que para ser um mestre não basta apenas ser um “bom executante ou um bom criador”. Eu discordo completamente pois percebo que o fato da comunidade de Coqueiro ter várias mulheres que fazem o mesmo objeto com as mesmas técnicas, porém não possuem os mesmos conhecimentos e expressão cultural. Existe algo que vai muito mais além do conhecimento para que a pessoa seja um Mestre, não é apenas o conhecimento em si da técnica mais o conjunto de fatores que envolvem o seu fazer, como: a espiritualidade, sua relação com as demais pessoas da comunidade, sua

disponibilidade espontânea do querer ensinar seus conhecimentos, seu contexto familiar. Enfim, por que a escolha do meu trabalho com D. Cadu em meio a tantas outras ceramistas da região? Porque os programas de televisão quando falam da cerâmica escolhem sempre D. Cadu para representar a cerâmica local, os estudos e artigos abordam sempre D. Cadu, e raras vezes outra ceramista? É notório que existe algo que todos reconhecem incondicionalmente, é uma eleição natural pelo destaque de suas atividades, assim como outras pessoas notórias se faz destacarem naturalmente assim como em outros segmentos como é o caso de D. Dalva do Samba de Roda Suerdick, como é Dona Terezinha dos doces de São Félix, Bibi sambadeira também de São Félix e outros tantos ícones que posso dizer Mestres do saber.

O receio citado por Nascimento (2011) sobre a possibilidade dos riscos do assistencialismo que um programa possa gerar no meu entendimento o fator idade seria uma boa ferramenta para contemplar e reconhecer esses mestres, pois a idade é uma ferramenta que também pode auxiliar a ter de forma assegurada que o recurso extra possibilitaria aquele Mestre ter a autonomia de suas opções de viver garantidas fazendo desse recurso aquilo que no seu entendimento for o melhor. Se quiser passar seu tempo ofertando oficinas, se resolver parar de trabalhar que acredito ser muito pouco provável, pois esses mestres, por serem um “Mestre” passam sua vida dispostos a fazerem aquilo que mais gostam de fazer, ensinar, passar conhecimentos produzirem enfim.

A fala do texto de Nascimento (2011) classifica nossa cultura como híbrida e não termos a preocupação do parâmetro de seguir a risca as tradições, também vou questionar, pois os Mestres da cultura popular mantem as tradições mesmo que distante de sua origem como exemplo o Mestre Ananias que saiu de São Félix para morar em São Paulo onde manteve a tradição da capoeira e do Samba de roda que formaram seus discípulos também jovens que preservam a tradição de maneira impressionante, um núcleo do saberes do Recôncavo onde os jovens vem anualmente se relacionar com seus outros mestres, portanto acredito ser essa definição formada por profissionais de uma escola mais progressista se assim posso dizer que não consigo ajusta-la na realidade das culturas populares estudadas por mim nessa trajetória de quase 16 anos de pesquisa pelo nordeste Brasileiro. Existem mestres que mantem sim tradições seculares, e são resultados de resistências advindas de vários aspectos, no meu entendimento e compreensão

são esses mestres que deveriam ter o devido merecimento e reconhecimento não somente no título como num programa que contemplasse assistências multidisciplinares como saúde, dentista, fisioterapias, nutricionistas além do recurso financeiro claro , longe de ser assistencialista e sim um reconhecimento por ter salvaguardado nossos conhecimentos, Isso eu vejo que faria sentido para D Cadu, assim como para os mestres Dona Nitinha de Rio Real, mestre Vitorino de Maragogipinho, Gerrard de Barra, Tamba de Cachoeira, todos indicados pelos especialistas

Por conta do posicionamento do Ministério da Cultura do Brasil sobre mestres, eles têm sido reverenciados e premiados através de políticas de editais, como: “Prêmio VIVA Meu Mestre 2010”; Prêmio Culturas Populares 2009- Mestre Dona Izabel – Artesã ceramista do Vale do Jequitinhonha" e no livro Ceramistas de Coqueiros.

O livro Ceramistas de Coqueiros (SAMPAIO, PERELMUTTER, CAVALCANTI, 2009) relata as histórias das ceramistas locais com ênfase nos seus trabalhos com o barro, observo que nenhum momento a cerâmica cruza com outros saberes da comunidade que no meu olhar possuem relevância no resultado dos trabalhos realizados daquele distrito. As relações familiares e sua ancestralidade, a gastronomia e sua relação com o rio, o samba de roda e a subjetividade da influência no bem estar físico, a natureza como influência direta no resultado do processo de fazer a louça, são ignorados não só nesse mais nos demais trabalhos desenvolvidos tanto nos trabalhos que falam individualmente de D Cadu como os que se referem a comunidade de Coqueiros.

Minha conclusão em vista os levantamentos feitos, é que ainda possuem muito poucos trabalhos desenvolvidos e que principalmente faça uma relação mais ampla, que não restrinja apenas o produto final “A Cerâmica” como o estudo mais relevante a ser pesquisado.

Observo também a falta de comprometimento com a comunidade onde a própria D Cadu não possui o material produzido sobre ela assim como são poucos os casos em que ela mesma saiba do material que divulga a imagem dela em redes sociais, esse trabalho também se torna difícil por não ter na família de D. Cadu ninguém cujo o interesse pudesse auxiliar na cobrança desse retorno.

Durante esse processo de convívio e pesquisa faço uma luta constante para que essa consciência seja estimulada assim como existe a solicitação de parceria com a universidade para que possa auxiliá-la na organização desse levantamento para que seu espaço venha ser um local de referência num formato “memorial” desses saberes. Esse incentivo e sugestão anda em passos lentos, porém sabemos que seria importante que D. Cadu possa ter a oportunidade ainda em vida de poder ter seus registros todos organizados e disponíveis para pesquisa em seu próprio lugar de trabalho garantindo o saber dela e de sua comunidade.

“Ler o Mundo” para poder transforma-lo”.

Paulo Freire

4 COQUEIRO, RECÔNCAVO DA BAHIA: ASPÉCTOS GEOGRÁFICOS, HISTÓRICOS E ECONÔMICOS

Situando Dona Cadu nesse local de território identitário como é o Recôncavo Baiano, onde supostamente toda a conjuntura histórica e geográfica fez com que sua trajetória de vida trilhasse suas escolhas, contar um pouco dessas influências faz entender grande parte das suas características.

Minha pesquisa teve um direcionamento mais focado nas questões africanas do que propriamente indígenas, por falta de material de pesquisa encontrado, essa dificuldade é um termômetro significativo para que pesquisas voltadas para as questões indígenas possam vir a ter maior interesse no universo acadêmico e principalmente no mestrado em que faço parte.

Vou começar falando de Recôncavo, por achar significativo esse lugar de estudo, para depois descrever melhor a localidade de Coqueiro.

O Recôncavo se apresenta como “a terra circunvizinha da Baía de todos os Santos”, região natural limitada, horizontalmente, pelo mar e o sertão semiárido e, verticalmente, sem verdadeiro confim (NARDI, 2013, p. 179).

A análise da formação econômica, social e espacial traz melhor compreensão do espaço regional. O aspecto predominante no território são as relações sociais que se escabecem num processo histórico como diz Milton Santos:

Modo de produção, formação social, espaço- essas três categorias são interdependentes. Todos os processos que, juntos, formam o modo de produção (produção propriamente dita, circulação, distribuição, consumo) são histórica e especialmente determinados num movimento de conjunto, e isto através de uma formação social (SANTOS, 1979, p. 14).

O Recôncavo no período colonial teve uma economia que girava em torno do açúcar e o fumo, os gêneros alimentícios como mandioca. O fumo servia de moeda de troca para o tráfico negreiro, a área de Nazaré oferecia lenha para os engenhos, além das olarias. A Baía e os rios eram as principais via de comunicação além de fornecer o abastecimento de peixes e frutos do mar, no seu entorno, o sertão era um lugar de criação de gado. Podemos dizer, assim, que era uma região de diversidade produtiva, no século XIX foi o auge do consumo de charutos e o fumo da Bahia era um dos mais apreciados no mundo, principalmente na Europa. Até 1940 o fumo representou 30% ou mais do valor das exportações baianas, foi depois de 1850 aumento de armazéns de fumo para exportação e aparecem as fabricas de charutos

de Cachoeira e Félix expandindo para outras regiões. Dessa forma que o Recôncavo fumageiro foi uma das primeiras e raras regiões no interior do Brasil a possuir um verdadeiro “tecido industrial”. Assim, podemos compreender como formou essa região de confluências significativas, segundo Nardi as atividades econômicas, a divisão de trabalho, assim como o espaço determinaram as relações sociais. Ele indica a cana de açúcar, o fumo, a pesca, e a cerâmica um dos temas abordados em nossa pesquisa com a contribuição das raízes da pluralidade identitário dentro do mesmo território onde ele afirma que hoje não existe uma identidade no Recôncavo e sim uma forte diversidade cultural.

O Recôncavo como estamos vendo apresenta uma riqueza diversa em vários aspectos como: ecológico, históricos e sócio econômicos refletindo dessa maneira nas referências culturais e artísticas.

Geograficamente dados fornecidos pelo Guia Cultural da Bahia, vol.2 Recôncavo (1997): “A faixa de terra que contorna a Baía de Todos os Santos, formada por mangues, baixas e tabuleiros, é conhecida como a Região do Recôncavo, onde está dividida em duas regiões distintas, a Região Metropolitana de Salvador e a outra chamado Recôncavo Sul, reúne 33 municípios, totalizando 10.015 Km.

O Recôncavo é um dos vinte e seis territórios de Identidade da Bahia, sendo que dez de seus municípios estão entre os 50 primeiros municípios baianos no ranking do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) Municipal, num total de 415.

No período 2008- 2010, o território teve 70.262 famílias beneficiadas pelo Bolsa Família, o que corresponde a 241.701 pessoas e 42% da população em 2010. “O setor agropecuária, extrativa vegetal, caça e pesca,” cultivo de feijão, milho e mandioca, os cultivos permanentes são laranja, café e sisal, as atividades de pesca e mariscagem são utilizadas como meio de subsistência, isso representa apenas 4,2% dos empregos. Extração mineral, área de mineração, possuem ocorrências de minerais de cobre, manganês, quartzo, areia e pedra para construção 6%, Administração Pública 33%, comércio, serviços, indústria de transformação, construção civil 3,6%, a economia informal preenche as lacunas dos dados oficiais, fornecendo 50% dos empregos formais que faltaria. 5 municípios concentram 67% dos empregos, a maioria em áreas periféricas do território.

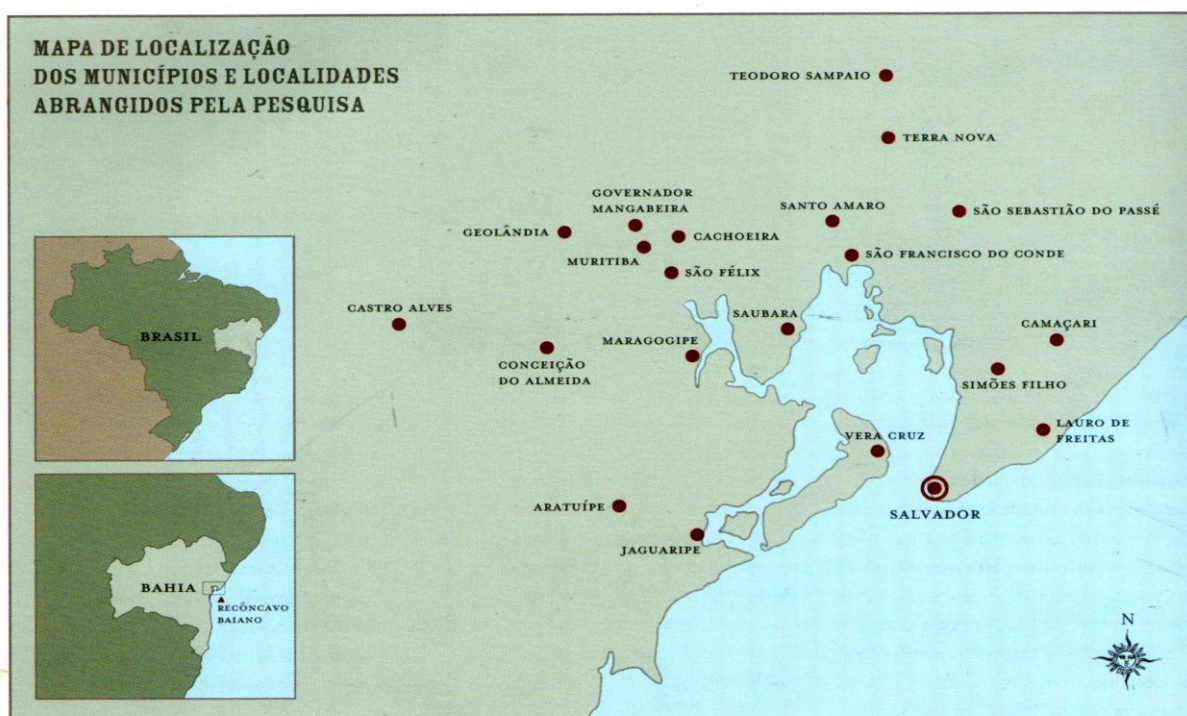
São Félix cidade onde nasceu Dona Cadu é um dos menores municípios do Recôncavo Baiano, numa área de aproximadamente 56.000Km quadrados na região

centro – leste. Seu rio principal é o Paraguaçu, possui 500km, nasce na proximidade de Farinha Molhada, desaguando na Baía de Todos os Santos sua área abrange 66 municípios (36 inteiramente na bacia).

Falar sobre as enchentes torna-se necessário pois ela determinou a mudança do comércio das cidades de Cachoeira e de São Félix para Feira de Santana, existem relatos de que a maior cheia do Rio Paraguaçu teria sido no século XVIII.

De todas as enchentes nos séculos XIX (12 cheias) e XX (23 cheias), a maior foi em 1839, que atingiu 8,75 metros. (SOUZA, 2017).

Figura 1 – Mapa do Recôncavo Baiano.



- Itapecerica) – 41.256 habitantes.
 - **Muritiba** – 32.286 habitantes.
 - **Salvador** – 2.673.560 habitantes.
 - **Santo Amaro** (Sede, São Braz) – 61.079 habitantes.
 - **São Félix** – 14.649 habitantes.
 - **São Francisco do Conde** (Sede, Ilha do Paty) – 30.069 habitantes.
 - **São Sebastião do Passé** (Maracangalha) – 41.924 habitantes.
 - **Saubara** (Sede, Bom Jesus dos Pobres) – 11.557 habitantes.
 - **Simões Filho** (Pitanga dos Palmares) – 107.561 habitantes.
 - **Teodoro Sampaio** – 8.435 habitantes.
 - **Terra Nova** – 13.274 habitantes.
 - **Vera Cruz** (Mar Grande) – 34.520 habitantes.
- De acordo com o IBGE, estes municípios totalizam 3.536.220 habitantes, o que corresponde a 25% da população do estado.² ■

Fonte: Dossiê IPHAN Samba de Roda do Recôncavo Baiano (2006)

Vários autores definem Recôncavo a partir dos seus olhares e recortes de importância para o contexto baiano, BRANDÃO (1998, p.30), designa como uma

vasta faixa litorânea que circunda a Baía de Todos os Santos, á entrada Salvador, São as terras em “Volta d’água”. Para o geógrafo Milton Santos, a justificativa para tal configuração é a conexão que existe entre essas cidades dispersas ao longo da baía, mais integradas econômica e culturalmente. Em outros tempos, além do mar, os rios ajudavam a garantir a funcionalidade da rede. O Paraguaçu, o Subaé e o Jaguaripe são os mais importantes. Para alguns olhares como de PEDRÃO (1998, p. 219), nada mais é que uma “região cronicamente pobre, entretanto dotado de fascínio de ser a principal detentora da tradição cultural da sociedade escravista”, isso faz com que sua predominância negra resguarde práticas culturais de experiências das populações africanas no Brasil, e a continuidade dessas características em seus descendentes. Sendo assim essa importância não tem como deixar de ser referência significativa em grande parte das falas de autores que relatem essa importância.

Segundo Sida e Queiroz (2011) a Bahia possui 417 municípios e dentre estes, Maragogipe que possui sua história assim como todo o Recôncavo, atrelado ao ciclo de cana de açúcar do Brasil colonial, e uma história com o fumo, localizado numa região constituída por mangues, baixios e tabuleiros⁵. Foi o município escolhido por D Cadu para morar, apresenta baixos índices de desenvolvimento ocupando 256º lugar no Desenvolvimento Social e Infraestrutura, 163 lugar em relação ao Desenvolvimento Econômico e 354º no índice de Saúde, conforme demonstra SIDE⁶/2006.

Segundo Barbosa (2010, p.13) no caderno do IPAC sobre o Carnaval de Maragogipe relata que existem algumas versões para a origem do nome do município, a primeira seria Rio de Mosquitos, para os índios Aimorés, que se referiam ao local desta maneira. Já para Theodoro Sampaio, este vocabulário encontraria sua origem na palavra *Maraú-gy-pe*, do tupi, referindo-se ao rio dos Maraús ou dos Maracujás, outra versão considerada pelos historiadores seria a origem existente de uma tribo indígena chamada *Marag-gyp*, cujo termo correspondente seria braços invencíveis, uma vez que seus destemidos e inteligentes guerreiros, além de diferenciar-se dos outros habitantes nativos da região, dedicados ao cultivo do solo, da pesca e da caça de subsistência, demonstravam excelente traquejo no uso do arco e flecha, além de manejarem

⁵ Reserva natural, abriga grande diversidade biológica.

⁶ Índice de Desenvolvimento Econômico

magistralmente o Tarayra⁷, arma com a qual teriam a capacidade de decepar a cabeça dos inimigos executando com um só golpe.

Os portugueses, primeiros desbravadores estabeleceram na região de Maragogipe por volta de 1520. A ascensão à condição de vila se deu no início do ano 1724. A base econômica de Maragogipe é essencialmente a produção primária, sendo a agropecuária, e a pesca as atividades tradicionais do Município, já o comércio segundo as pesquisas é sustentado pelos artigos de primeira necessidade e a secundária representada pela indústria alimentícia (padarias) e a produção de cerâmica concentrada no distrito de Coqueiros.

A população de Maragogipe foi estimada segundo o censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/2010) uma população de 42.815 habitantes.

Coqueiro é distrito de Maragogipe, localizado as margens do Rio Paraguaçu, Recôncavo Baiano, distante 130 km de Salvador. Esta comunidade faz divisa com Nagé e Cachoeira, sua população é de 2.502 habitantes segundo os dados da Unidade de Estratégia Saúde da Família, identificou-se 44% das famílias entrevistadas sobrevivem com renda que vai $\frac{1}{2}$ salário mínimo a 1 salário e 27% com até $\frac{1}{2}$ salário; 32% dos entrevistados sobrevivem da pesca e dos mariscos e 27% da produção de cerâmica utilitária.

Maragogipe é um município que detém um expressivo Patrimônio Cultural Imaterial, podemos citar o mais lindo Carnaval da Bahia, que é o Carnaval de Maragogipe. Segundo o caderno do IPAC é a festa profana mais antiga que se tem registro, de caráter popular, representa a inversão, a informalidade, tendo como característica a coletividade, suas raízes mais antigas foram encontradas na Grécia Antiga, no culto a Dionísio⁸, Deus da colheita das uvas. Atualmente essa manifestação é encontrada em diversos lugares do mundo com particularidades porem com um senso comum: a Alegria.

Falar sobre Maragogipe e não descrever em poucas linhas ao menos sobre essa manifestação cultural que atrai tantos turistas na cidade e que se estende a Coqueiro onde podemos observar que mesmo de forma mais simples as fantasias percorrem as ruas fazendo do lugar uma construção cultural plural, que influencia claro na formação do indivíduo local.

⁷ Espécie de machado pesado, elaborado com pau-ferro.

⁸ O baco da mitologia romana.

5 DONA CADU: MEMÓRIAS DE INFÂNCIA E HISTÓRIAS DE RESISTÊNCIA NO RECÔNCAVO DA BAHIA:

A senhora dos Saberes guardados em uma memória pouco vista em outras pessoas, desperta cedo porque são poucas as horas de sono. Diariamente, com as mãos sobre o barro, desvenda seus relatos sem que as mãos abandonem a lida. São conversas do cotidiano que revelam a construção de luta e resistência do tempo que subjazem na memória e que perpassam pela idade avançada onde os antepassados fazem parte desses relatos.

A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente (TiernoBoka, p. 167)

Destaco as lembranças trazidas entre as conversas que muitas vezes se repetem, como só será tradição oral e acabam apontando para aquilo que de fato se torna importante ser compartilhado. A lembrança da infância parece começar aos 10 anos de idade. Antes disso, apenas lembra de que gostava muito de sua irmã severa. D. Cadu conta com muito entusiasmo e ênfase sobre sua bisavó que parece ter vivido até os 130 anos, lúcida e bebendo diariamente sua “Cachaçinha” e fumando um “Pego”. Conservava todos os dentes, como dona Cadu tem orgulho em relatar. Passava as manhãs na lida da roça dos pais que plantavam mandioca, inhame, batata, aipim e arroz.

Comecei a trabalhar muito cedo, minha filha, com dez anos de idade eu já trabalhava na roça, na hora do almoço trabalhava um pouco com o barro e de tarde ia quebrar brita na pedreira até 5 horas da tarde ali perto. Já trabalhei muito.... (Dona Cadu)

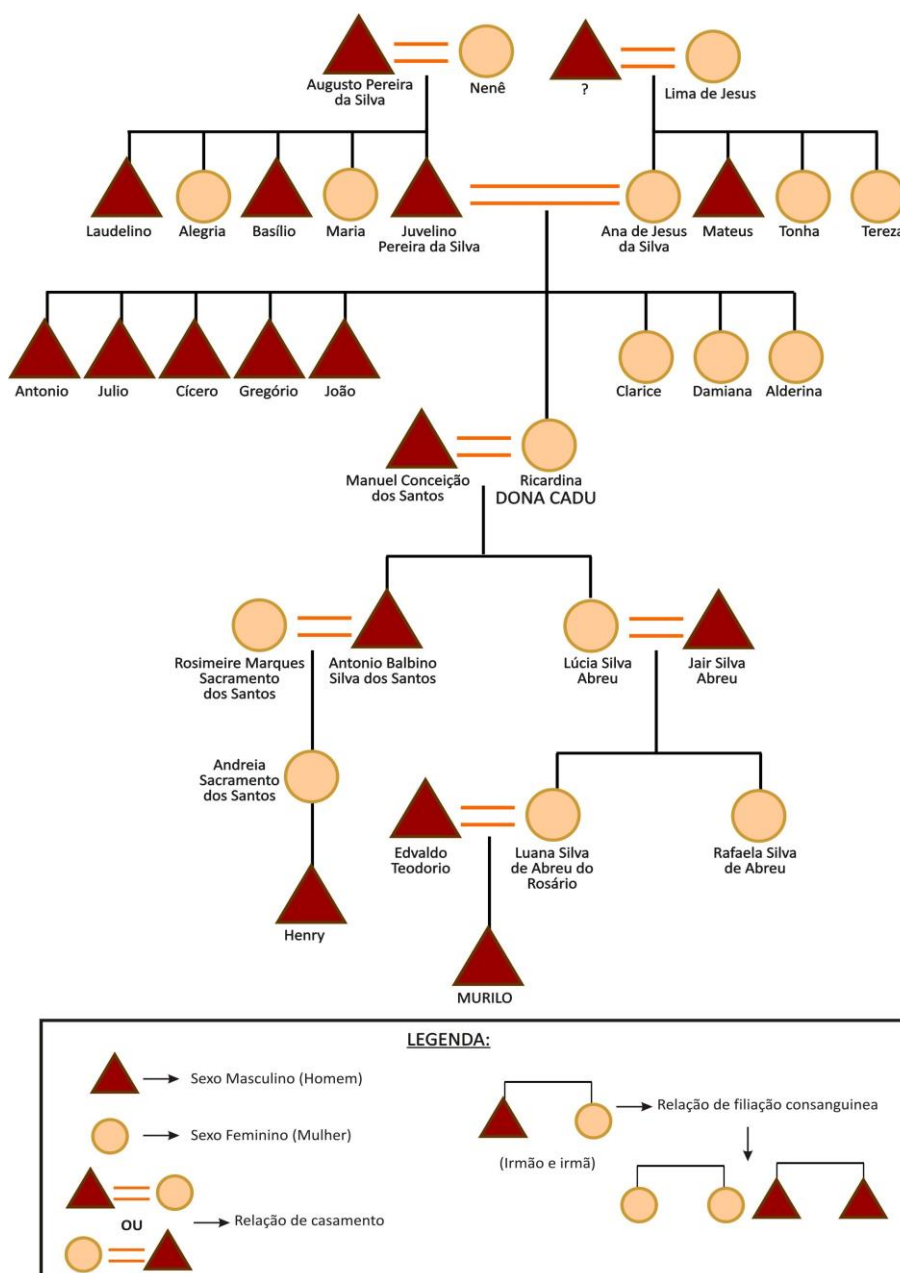
Na hora do almoço relata que fazia um pouco de peças de barro, que aprendera com uma vizinha que as comercializava na feira de Muritiba uma vez por semana, todos os sábados. Toda sexta-feira era dia de queimar o barro e na quinta saía pelos matos com o irmão João para pegar feixes de bambu que trazia na cabeça. No sábado, montava no meio da “cangaia” e dos “panacun” e ia vender na feira. O dinheiro que fazia, ali mesmo gastava com coisas que pudessem ajudar na comida de seus pais e irmãos.

Essas foram algumas de tantas histórias relevantes que constroem o Recôncavo Baiano.

Nos relatos de D. Cadu ela sempre diz que na sua infância, criança não ouvia conversas de adultos e que por conta disso tem muita pouca recordação, ela não se recorda de alguns nomes ou da precisão do nascimento dos seus antepassados.

Durante nossas conversas construímos sua árvore genealógica, conforme figura a seguir.

Figura 2 – Árvore genealógica de D. Cadu.



Fonte: Elaboração própria (2019)

A escolha de uma dentre as inúmeras mulheres do Recôncavo foi por conta dos diversos saberes que Dona Cadu possui. É reconhecida no distrito de Maragogipe- Coqueiros como a “Senhora dos Saberes”.

A história se perpetua até hoje em mulheres negras como Dona Cadu, como protagonistas de sua própria história graças à essa memória, à oralidade e à espiritualidade ancestral, encontrados nos fazeres e saberes populares cotidianos.

Nesse exercício de pensar o grande número de mulheres negras no Recôncavo que possuem histórias de resistência e que assumem com seus trabalhos o sustento da família, podemos ainda citar Dona Dalva do Samba de Roda (90 anos) em Cachoeira; Dona Terezinha dos Doces Caseiros (80 anos), em São Felix; Dona Santinha Vasconcelos (mais de 70 anos) - Presidente do grupo Nego Fugido em Acupe, além de Dona Cadu. Mulheres ativas, determinadas, que possuem fala e ação. Como afirma Dona Cadu: “Eu ainda me governo”. E creio que não só ela, mas a grande maioria dessas mulheres possa dizer o mesmo com toda a segurança.

Subentende-se nessa afirmação tão enfática e repetida, é que cabe a ela tomar decisões de qualquer tipo, onde inexistente uma pessoa para lhe fazer recuar, apenas e tão somente as entidades, os Encantados e Inquices através de sensações fortes que lhe permeiam o corpo ou se manifestam nos seus sonhos, forças que ela considera maiores, e que a fazem respeitar, e recuar se necessário.

Alguns desses relatos destacam a capacidade de sobrevivência das mulheres negras nas situações mais difíceis, onde construiu uma relação com dados históricos indicados por Walter Fraga (2006), acerca da época da escravidão, na qual mulheres negras já tomavam espaços de frente de trabalhos duros. Onde sua feminilidade, na época, era desconsiderada, sendo tratadas tão somente como mão de obra. Walter Fraga apenas relata os fatos sem explicar por que em algumas fazendas da época da escravidão açucareira do Recôncavo Baiano constava um número maior de mão de obra feminina, o que certamente gerou consequências até os dias atuais. Algo a ser investigado:

Verificamos que, em algumas propriedades, o número de mulheres chegou a superar o número de homens. No Engenho Pititinga, por exemplo, eram 60 homens para 67 mulheres; no engenho do Conde eram 45 homens para 60 mulheres (FRAGA,2006, p. 34)

Dona Cadu inicia seus relatos de memória descrevendo sua lida na roça que possivelmente possa ser uma continuidade desses escravos que possuíram suas roças depois da abolição. Segundo os relatos de Walter Fraga, logo após a abolição, muitos ex-escravizados se mantiveram nas fazendas, outros invadiram fazendas cujos donos com medo da pressão abandonaram suas terras. O Recôncavo Baiano, segundo Fraga, era um lugar de pluralidade agrícola com fumo, aipim, cana de açúcar, inhame. Possivelmente algumas pessoas deram continuidade aos afazeres do campo, quando perguntada sobre a escravidão ela diz:

Não tenho nenhuma história de escravo. Meu pai era assim da minha qualidade, um caboclo bonito, era um índio. (Dona Cadu)

Pode-se, portanto, observar que sua fala afirma sua identidade indígena, uma cabocla da qualidade de seu pai. Uma fala impregnada de conhecimentos de origem mestiça, afro-indígena, quando relata a formação da sua família e os conhecimentos adquiridos dos seus ancestrais

Minha mãe é Sarará. Minha avó era Sarará também, foi pega no mato no dente do cachorro. Pai de Tarzam era o primo carnal do meu pai, negro do pé cascudo. Ele era negão mesmo. A gente não escutava a conversa deles para saber de detalhes da vida dos parentes, eu só sei contar dos meus irmãos para cá. (Dona Cadu)

Em um país como o Brasil, onde historicamente se observa a negação imposta aos negros pelos brancos dominantes e colonizadores, fazendo negar a essência, a cultura, a ancestralidade, invisibilizando essa negritude que, com o passar do tempo, teve sua história negada. Uma reação, nada mais que o reflexo de racismo e preconceitos estabelecidos por séculos. Hoje, autores trazem à tona o esclarecimento dessas questões, que nos auxiliam na compreensão dessa negação, possibilitando novas ferramentas para lutar contra esse processo de enbranquecimento:

Como formar uma identidade em torno da cor e da negritude não assumidas pela maioria cujo futuro foi projetado no sonho do branqueamento? (MUNANGA,2004, p. 137)

Não adianta pintar de branco o pé da árvore, a força da casca por baixo grita. (Aimé Césaire)

...Tornar-se Negra é uma conquista. (Lélia Gonzales)

Essas são algumas falas que nos orientam para melhor compreensão dessa negação observada nas entrelinhas quando diz ser cabocla, quando trata o primo de seu pai com termos que lhe atribuem a trabalhador do campo rude. Quando tenta negar aquilo que está evidente como o seu samba de roda. Seus conhecimentos religiosos de matriz africana aprendidos com o sogro, a habilidade em aprender as rezas de curas com seu pai, que até hoje ela pratica.

Atualmente existe um Recôncavo que vem se afirmando em sua negritude, através de diversos movimentos que já são perceptíveis na mudança desse panorama. As políticas como ações que afirmam os direitos da mulher Negra têm avançado no sentido de trabalhar com as questões dos registros orais.

O Brasil oferece o melhor exemplo do encontro das culturas e civilizações. Os povos indígenas, os colonizadores portugueses, os africanos aqui deportados e escravizados, os imigrantes europeus de diversas culturas, os imigrantes asiáticos, etc. todos constituem as raízes culturais e históricas do Brasil de hoje. No entanto, na historiografia oficial colonial que persiste ainda em *nosso* imaginário coletivo, apenas a história dos povos europeus e seus descendentes ficou a mais conhecida, daí o euro-centrismo que permeia *nossa* educação cidadã. Foi só através da promulgação das leis 10.639/03 e 11.645/08 que se tornou obrigatório o ensino da história da África, dos negros e dos povos indígenas na escola brasileira.

Assim, reconhece-se que as populações negras e indígenas foram inviabilizadas na construção da história social e cultural nacional. A mulher negra, na atualidade e nas últimas décadas, vem lutando para conquistar espaços diversos na educação, no mercado de trabalho, na mídia, na saúde, nos movimentos feministas, etc. onde seu papel na história brasileira foi omitido e cruelmente negado por ideologias e pensamentos de cunho machista e racista simultaneamente. Mas a história de resistência de mulheres negras não é propriedade das únicas mulheres da nova geração das mulheres instruídas, alfabetizadas e politicamente mobilizadas. Pode-se dizer que sempre houve uma resistência, ainda que individual, das mulheres das gerações mais velhas, analfabetas e não coletivamente politizadas, que de forma significativa participaram do processo de resistência cultural e identitária. Neste sentido, Dona Cadu uma mulher não alfabetizada tem o direito de ter sua história contada nesse contexto atual em que a oralidade e a memória ganham destaque; em que sua autobiografia constituída do saber centenário de um povo esquecido no tempo, vai ganhando espaços.

Para conhecermos a história da população negra, grupo retratado na história oficial apenas como mão-de-obra escravizada, é necessário se debruçar sobre as vozes do passado, como aponta Benjamin (1985, p. 226). Isso significa apreender a memória presente nas ruínas ainda espalhadas pelas cidades, e que principalmente, permanece viva na memória, através das falas dos mais sábios e anciãos das cidades, como Dona Cadu, que vivencia a complexidade de ser mulher afro-indígena no Recôncavo Baiano.

Falar e ter como objetivo dar voz aos relatos de Dona Cadu num processo autobiográfico desta mulher quase centenária, com o objetivo de contemplar as inúmeras mulheres do seu entorno vivenciando as mesmas situações, é de extrema responsabilidade. Isso se insere no contexto da luta atual do feminismo negro, que se fortalece a cada dia no sentido de se libertar dos pensamentos eurocêntricos e universalizantes; e principalmente, buscar o reconhecimento da capacidade das diferenças entre mulheres brancas e não-brancas na vivência das desigualdades de gênero e raça. Ou seja, é necessário observar as especificidades de cada mulher, como é o caso de Dona Cadu e suas necessidades naquele ambiente, conforme aponta a filósofa Sueli Carneiro (2004), que desde os anos de 1970, juntamente com outras ativistas negras, reivindica o reconhecimento da experiência histórica diferenciada das mulheres negras no Brasil.

Ressalto, portanto, os desafios da pluralidade da vivência e os saberes de Dona Cadu, a partir do meu olhar de mulher branca de outra classe social e de outro Estado (Estado de São Paulo), mas que pede licença, como dizem os mais velhos da religião de matriz africana: AGÔ para assim desenvolver esse estudo. Estou consciente de minhas limitações enquanto pesquisadora de fora, e, portanto, esforçada para auxiliar Dona Cadu no registro de seus relatos e de suas memórias. Daí a ideia de uma autobiografia a quatro mãos.

Esse trabalho de buscar outros pontos de vista da história do cotidiano, de pessoas anônimas, mas que tem um papel fundamental nas comunidades onde estão inseridas, significa pensar em novas possibilidades de intercâmbio entre saberes. Para tanto, tenho me debruçado sobre relatos colhidos desde 2003, período em que venho acompanhando de perto Dona Cadu e todo seu entorno, como um grande olho d'água que tem a possibilidade de formar rios caudalosos com direção própria.

6 CERÂMICA DE DONA CADU; ASPÉCTOS INDÍGENAS

É a partir da visão de Dona Cadu que buscamos entender essa região e suas especificidades e que, enquanto o torno gira com as mãos firmes dessa anciã no barro, colete alguns relatos históricos que podem auxiliar numa melhor compreensão sobre a formação do Recôncavo

O fluxo regular do tráfico negreiro na região do Recôncavo acabou por diminuir a importância dos povos indígenas dentro do sistema escravagista, transformando-os em empecilhos para o desenvolvimento de novas atividades econômicas no sertão. Vainfas fala com maior clareza sobre as mobilizações indígenas e suas questões religiosas durante o processo de fugas e formações de novas conciliações entre negros e índios em diversas áreas da Bahia.

As ações sucessivas das chamadas “guerras justas”⁹ na segunda metade do século XVII abre a via de exterminação dos povos indígenas dessa região. Dessa forma, podemos justificar a dificuldade em localizar registros que possibilitem situar a cerâmica utilitária feita por Dona Cadu como uma arte indígena, mesmo com todas suas especificidades. Indaga-se de qual aldeia seria proveniente, dada a maneira que se posiciona para a feitura das peças indicando a influência indígena, assim como o tipo de queima já que comunidades de ascendência africana desenvolvem outro tipo de técnica.

Ela iniciou seu contato com o barro olhando uma vizinha que veio do sertão morar numa palhoça próximo da casa de seu pai. Durante esse período sua fala sempre se refere aos ensinamentos adquiridos, onde ela mesma buscava se aprimorar. Desde os 10 anos de idade ela já comercializava aos sábados sua cerâmica na feira de Muritiba cidade próxima, esse dinheiro auxiliava no sustento da família. Em minhas andanças pelo Nordeste brasileiro percebi que essa prática de vendas de cerâmica em feiras livres se mantém até hoje como um mecanismo de sustento familiar, porém observo que essa prática já não existe nas feiras que visito no Recôncavo, podemos observar feiras específicas de cerâmicas como a Feira do

⁹ Eram guerras contra os indígenas, autorizadas pelo governo português ou seus representantes, justificadas, basicamente, nos casos em que os indígenas (que eram politeístas) se recusavam a conversão a fé católico-cristão ou impediam a divulgação dessa religião, quebravam acordos ou agiam com hostilidade contra os portugueses.
basicamente, nos casos em que os indígenas (que eram politeístas) se recusavam a conversão a fé católico-cristão ou impediam a divulgação dessa religião, quebravam acordos ou agiam com hostilidade contra os portugueses.

Porto tradicional nos festejos Juninos onde atrai um número grande de visitantes, porém essa feira percebe apenas participar os oleiros de Maragogipinho, outra tradicional festa realizada em Nazaré das Farinhas é a Feira dos Caixixis em Nazaré das Farinhas onde nas proximidades da Semana Santa.

Aos 20 anos, Dona Cadu conhece Manuel Conceição dos Santos, cujo apelido era Neca, companheiro de muitos anos onde após 40 anos juntos oficializam a união, ela se muda para Coqueiro, distrito de Maragogipe –BA, muito próximo de sua cidade natal Fazenda Pilar –São Félix. Ali já havia mulheres que faziam cerâmica utilitária. Sem nenhuma dificuldade junta-se ao grupo e rapidamente passa a produzir as louças da região assimilando as técnicas que segundo elas, foram deixadas por índios que viveram num local próximo de onde se avista de sua casa. Ela relata que nessa região, ao buscarem barro para o uso, era possível encontrar fragmentos de cerâmica antiga, local até hoje nunca estudado. O que denota o desinteresse sobre as questões indígenas e sua influência no Recôncavo Baiano, que ainda se preserva viva.

A forma de fazer as louças utilitárias (panelas, frigideiras, canoeiras, fogareiros) tem toda uma relação com os conhecimentos ligados aos 4 elementos da Natureza: Terra, Ar, Fogo e Água. A sabedoria deste fazer está diretamente ligada à observação e aos conhecimentos ancestrais da oralidade que possui papel fundamental.

Desde a escolha do local para a retirada do barro, normalmente nas proximidades, a forma de macerar o barro, utilizando os carros que passam pela rua, já são indícios do processo de adaptação que a cerâmica vem sofrendo com o tempo ou após o recolhimento do barro macerado, ele é hidratado para poder ser trabalhado. As técnicas utilizadas são mistas: rolete¹⁰, belisco, cordoame¹¹ por (Brochado, 1989), sobre um pequeno torno manual, onde a loiceira, sentada, desenvolve essas atividades, transformando o barro em objetos utilitários. Depois de pronta, a peça fica na sombra até obter uma secagem denominada “ponto de couro”. Com uma ferramenta adaptada, ela é cortada e dá-se o acabamento. É neste momento que entra o Tauá, pigmentação feita na superfície interna do objeto, com o auxílio de um pano. Após o que se utiliza um seixo de rio para dar acabamento,

¹⁰ Utilização de cordéis de argila.

¹¹ É o resultado da ação de dois dedos em forma de pinça, em sentido.

“Brunir”¹². A partir daí a peça vai para a calçada da oficina para tomar sol até secar por completo.

O momento da queima é um ritual quando outras mulheres ceramistas se mobilizam num processo coletivo. Elas montam uma pirâmide de artefatos, intercalam com pedaços de madeiras e cobrem com bambus cortados ao meio. A hora da queima é sincronizada com a entrada da maré, quando sopram os ventos auxiliando na queima. A temperatura alcançada é bastante alta.

Trata-se de um processo rápido, onde logo aparecem as peças com suas cores avermelhadas sapecadas pelas chamas:

Se tiver vento é momento para queimar, mas também a gente pega uma quentura minha filha, quem não tiver coragem não enfrenta a quentura não. Só enfrento porque tenho que enfrentar, isso não é trabalho para mulher, esse trabalho é para homem, mas se não tem tu vai tu mesmo, então a gente tem que enfrentar e queimar... (Cadu)

Esse relato foi feito em 2003, passaram-se 14 anos e ela, aos 97 anos, continua queimando sua louça de baixo do sol a pino, toda agasalhada, num ritual de força e resistência feminina.

Depois de fria a louça é recolhida para dentro do espaço de trabalho para a guarda e comercialização. As pessoas que passam na porta, turistas, vizinhos, donos de restaurante são os que compram suas panelas. No período de inverno, a friagem e o excesso de chuva fazem com que ela passe por dificuldades financeiras, história que se repete todos os anos. E ela vai sobrevivendo com dificuldades. Muitas pessoas passam para ver essa queima e para registrarem. Quando ela não está queimando, mostra e conta como é feito todo esse processo através das imagens fotográficas que as pessoas lhe dão de presente. É Dona Cadu, aos 97 anos, quem rege sua fala e determina suas tarefas. Um trabalho muitas vezes solitário, pois nenhum dos seus familiares decidiu dar continuidade aos seus saberes. Porém, todos sabem sobre como fazer e ela garante passar seus conhecimentos a seu bisneto Murilo (12 anos).

Depois da Cerâmica pronta ela se transforma em um produto, um objeto pronto para ser consumido, resultado de todos esses conhecimentos e técnicas advindas da ancestralidade, elas agora tomam espaço na casa destinada ao seu ofício, grande parte delas já estão destinadas aos fogões dos grandes restaurantes

¹² Polir.

de Salvador com Casa de Tereza que acabou de ganhar o prêmio de melhores do Ano (Prazeres da Mesa) como o melhor restaurante do ano do Nordeste, além de comprar as panelas feitas sob medida que vão direto a mesa de seus clientes ela vende em um espaço que destina a divulgação dos artefatos regionais ,assim como o restaurante Iemanjá , K- Moqueca que tem uma rede espalhada na Bahia, A-Moqueca em feira de Santana e outros tantos na Bahia. Robatto e Paim (2018) em seu livro “Na mesa da Baiana”, usa as panelas de barro para mostrar a sua gastronomia assim como dedica um espaço colocando a imagem e os comentários sobre a escolha por ela feita, de suas panelas no conceito de ser uma empresa com consciência e conceito de sustentabilidade.

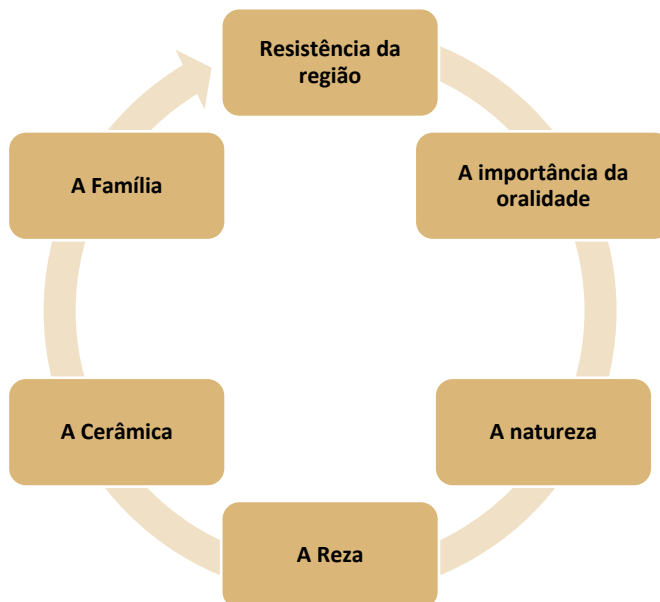
Devido a grande perda dessas panelas por serem frágeis o consumo se torna frequente tendo uma variação de preços de acordo com o tamanho e detalhamento. Além do consumo dos grandes restaurantes onde é o principal das vendas, Dona Cadu também comercializa em seu espaço de trabalho para turistas que vão frequentemente visitá-la, por indicação da rede hoteleira ou por documentários e matérias onde ela representa aquela comunidade, essa venda segundo ela garante auxiliar em períodos de grande dificuldade na compra de alguma mistura ou um pagamento de uma conta.

Porém nos meses frios, de inverno, com a chegada das chuvas torna-se difícil a confecção das peças e a queima, por ser feito a céu aberto a umidade impossibilita que possa ser feito os processos necessários, sendo assim anualmente percebemos sua dificuldade em não conseguir manter as contas pagas nesse período, pois não existe um planejamento elaborado que supra a demanda desses longos 3 meses. Isso me fez observar que planejamento não é apenas uma questão de falta de capacitação como muitos possam concluir, existe também uma questão cultural do pensar no hoje como se não fosse o direito do humano prever um futuro que para a muitos estaria próximo mais para ela e outras pessoas que pode conviver é muito tempo. Escuto se repetir essa frase: “Minha filha nem sei se até lá estarei Viva”. Não que seja um presságio de morte, longe disso, mais uma questão de direito ao divino do seu futuro, mais essa é apenas uma opinião.

7 A PRODUÇÃO DO MATERIAL PARADIDÁTICO.

O livro de conclusão do meu projeto visou trazer o universo dos múltiplos saberes de D Cadu e as relações dela com o conhecimento cujo desfecho é a cerâmica como produto final. O livro transita pelos eixos temáticos da figura a seguir, sendo a natureza como influência direta na queima da cerâmica e sua influência na economia.

Figura 3 – Eixos temáticos que transitam no livro O Dia que Almocei a Bisa.



Fonte: Elaboração própria (2019)

O livro vem trabalhar com questões ainda não abordadas, dando acessibilidade as crianças locais, ao saber da sua cultura, garantindo-lhes o conhecimento através da oralidade. Num momento que estamos passando no governo atual que visa cortar verbas da Educação, o livro vem com a proposta do meu compromisso e da minha consciência, que desejo um mundo melhor através da educação e do compartilhamento do conhecimento da nossa cultura de matriz afro indígena.

O quadro, a seguir, mostra as participações em eventos e premiações atribuídas a protagonista do livro produzido.

Quadro 4 - Participações e premiações de D. Cadu

Participações e premiações de D. Cadu
2010 Prêmio “Culturas Populares 2009 – Edição Mestra Dona Izabel. Artesã Ceramista do Vale do Jequitinhonha” na categoria “Mestres”.
2010 Representou cerca de 400 artesãos presentes no III Encontro de Artesãos da Bahia promovido pelo Instituto Mauá em parceria com Sebrae, conforme pode-se ver na notícia do Boletim informativo do Mauá (Ano 1-n 1 . Março 2010)
- 2011 Participação do Salão Nacional de Cerâmica, Museu Alfredo Andersen. Curitiba
- 2015 Participação de oficina de cerâmica para crianças da casa do Mestre Ananias – S. Paulo.
- 2015 Encontro de Sambadores e Sambadeiras na Casa do Samba de Mestre Ananias.
- 2018 XII Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”
20 a 22 de setembro São Cristóvão/SE/Brasil
Ceramistas de Coqueiros: Memórias, Pertencimentos e trabalhos num Contexto Etnoeducacional.

Fonte: Elaboração própria (2019)

Ressalta-se que o prêmio “Artesã Ceramista do Vale do Jequitinhonha” na categoria “Mestres” foi ganho através do concurso promovido pela SID/MINC que tem objetivo incentivar e tornar público os mestres da cultura popular de relevância para as tradições culturais do país. Além da honra ao mérito, os premiados recebem um valor de R\$ 10.000 (dez mil reais).

A escolha de transformar esses relatos em um livro paradidático infanto-juvenil é acreditar que incentivando a prática da sabedoria oral e as memórias nelas contidas que percorrem o tempo da resistência, garantiremos os conhecimentos que por muito tempo foram silenciados e negligenciados, foi ouvindo atentamente minha professora no mestrado Vanda Machado que me fez compreender a importância de um trabalho com as crianças no sentido de devolvê-las a oportunidade de ter suas histórias como protagonista no seu aprendizado . Vanda Machado reflete:

Ao longo da caminhada pela vida, aprendi, constatei e, principalmente, senti que as crianças negras carecem de um olhar diferenciado. Um olhar que contemple a sua beleza do jeito como ela é. As crianças negras crescem tomando tapas na alma (Machado, 2017, p. 38).

Meu comentário ou minha interpretação no sentido hermenêutico de G. Geertz como abordagem, vai no sentido de explicar aos leitores o que ela me ensinou durante a pesquisa de campo.

O texto foi feito inspirado em relatos de memória, que são repetidos em suas falas, parte dele apresentado no Apêndice C, fazendo assim eu pensar que essas seriam sua seleção de memórias que mais tenham significado em sua vida ou aquelas onde ela gostaria que ficasse marcada.

A escolha dos temas a serem abordados eu imaginava que seria o mais difícil de todos, pois são quase cem anos de vida e selecionar em poucas páginas e com uma linguagem compreensível para os leitores infantis, além de contemplar uma história de vida que vinha ao longo dos anos pesquisando. Este processo foi algo que o tempo me ajudou a perceber que D. Cadu me dava o tempo todo em suas entrevistas, que muitas delas eu pude acompanhar uma história que ela mesma decidiu selecionar. D. Cadu se repetia sempre como um recorte natural dos seus melhores momentos ou os momentos que ela selecionou sabiamente que gostaria de ser lembrada, tenho várias entrevistas de 2003 a 2019 que podemos observar os assuntos mais recorrentes em sua fala. Então, foi a partir dessa constância que selecionei essas falas para constar no livro infanto-juvenil.

Os temas que transitam no livro foram os seguintes:

A espiritualidade. Em todas aberturas de suas falas existe um conto ou uma reza, ou ainda, uma história de milagre na sua maioria vem como a primeira fala. Em uma demonstração que denota colocar-se como uma mulher de fé, que se mescla com seus conhecimentos plurais. No livro, eu optei por escolher a reza de Cosme Damião porque ela tem um significado importante para mim, foi com ela que aprendi os rituais não registrados nesse trabalho, mais que seguiram na minha memória.

A força dos ventos do caboclo Rompi Nuvem que auxiliam na queima da cerâmica, marcando forte sua vivência na religião de matriz africana com influência dos caboclos dos terreiros de Angola.

A família. As relações com o marido que ela declara seu amor e a falta que ele faz, seus filhos e o legado que deixou no samba de roda, a dedicação da neta Luana que fica com os cuidados da casa, o amor pelo bisneto Murilo que no livro ganha seu papel de destaque, assim, também percebemos a importância do mesmo em seu cotidiano.

O samba. É algo que já está incorporado no seu jeito e estilo de ser, seu samba tem uma característica singular entre as sambadeiras, aprendido nos festejos.

O rio. Como não dizer do Paraguaçu, um cenário que emoldura o seu cotidiano, o rio cheio de estórias corre pelo fundo de sua casa, a queima da cerâmica é feita em suas margens. O rio que traz o alimento e sustento dos seus familiares, o marido de sua neta Luana possui um saveiro – embarcação que

também é mencionada no livro por ter grande significação no trabalho dos ribeirinhos nos transportes de areia da região.

A cerâmica. É na verdade hoje no meu entendimento o último elemento que dá a liga a tudo, ele que reúne as pessoas que passam no seu espaço não só buscando as panelas de barro, mais buscando conhecimentos, força, que renova os votos com a vida, porque chegar aos 100 anos com tamanha lucidez, energia e vitalidade são para poucos. A cerâmica auxilia sim no sustento da casa porém o elo que ele faz reunindo todos os elementos acima citados.

A relação da espiritualidade é forte com o barro pois se carrega o simbólico da origem da vida, a espiritualidade que rege as forças dos ventos, são eles evocados quando se existe a necessidade de que algo aconteça, A família com relação a cerâmica está na forma de sustento e subsídio, todos ali de uma certa forma estão ligados a relação de ganho com a cerâmica, a relação do barro com o samba era de forma espontânea que o samba se fazia enquanto a cerâmica queimava, o samba de roda filhos de Dona Cadu surgiu dessa maneira. A relação da cerâmica com o rio, visto ser em suas margens que ele é queimado, assim concluo que tudo se liga a cerâmica e a cerâmica se liga aos demais temas, não se pode fazer um estudo desvinculado dessas importâncias.

A panela é algo que nos remete a alimento e não só nos alimentamos daquilo que nela possa ser elaborado, podemos sim nos alimentar de todo esse percurso feito para essa panela chegar até a mesa.

Assim a escolha do título finaliza essa processo fazendo uma relação da importância do saber e do comer, existem várias maneiras de nos alimentarmos e o conhecimento é uma dessas maneiras que nos fortalece, a sugestão do nome “O Dia que Almocei a Bisa”, título sugerido pelo meu amigo e professor Kabengele Munanga foi o mais assertivo, a minha relação com o comer e saber estão estreitamente ligados, quando se tem fome você se alimenta e o alimento está disponível de diversas formas e a que estou apresentando é essa.

As ilustrações foram feitas algumas provas com diferentes estilos, onde a primeira ilustração seria mais realista se aproximando muito da realidade; segunda, já seria menos realista, sendo apenas uma representação de uma pessoa qualquer não necessariamente D. Cadu representada; e, por último, a escolhida, o desenho livre feito por uma criança de 12 anos que nunca esteve numa formação direcionada

a desenhos em que é possível se ter a lembrança dos personagens contados na estória que não deixa de ser história de vida.

A escolha para ilustrar o livro foi decidida nesses últimos meses quando percebi que talvez fosse oportuna a opção dos desenhos partirem das crianças que moram no seu entorno demonstrem seus olhares diante dessa história de vida quase centenária.

Fui até a escola onde frequenta Murilo, seu bisneto, e fiz uma vivência junto com a professora de artes da escola municipal de Nagé, distrito vizinho, levando o grupo para conhecê-la. Depois de feita a contação de história pedi para eles desenharem aquilo que mais lhe chamaram atenção e o que gostariam de deixar registrado, depois faria uma montagem das imagens recolhidas, para assim retornar a escola e verificar se eles aprovam a finalização do livro com a ajuda deles e da professora de artes. O que pude observar foi que eles não conseguiam se expressar livremente, usavam réguas, poucas cores, foi daí que decidi pela totalidade de imagens da jovem Kezia que de forma muito espontânea, apenas vendo vídeos e imagens de D. Cadu, foi criando os personagens, atendia assim minhas expectativas e creio que a das crianças que terão acesso a esse livro.

Kesia de Jesus Conceição filha da minha costureira, nascida em São Félix, hoje mora com seus familiares em Muritiba – BA. Kesia adora estudar e desenhar, são nítidas suas habilidades no desenho. Na rotina da casa, sua mãe vive reclamando para que ela ajude nos afazeres da casa e da oficina de costura.

Para a construção do livro no contexto físico optei pelo formato 20 x 20 cm, depois de ter adquirido vários exemplares de livros paradidáticos infantis e ter observado que esse formato era o que mais me agradava além de ter maior aproveitamento do papel evitando assim desperdícios na hora do corte.

A gramatura da folha fiz opção do papel fosco 150 gramas, uma gramatura adequada para livros que atendam crianças dessa faixa etária (7 a 12 anos), depois de pronto é utilizado um verniz que potencializaria o brilho, particularmente para meu gosto pessoal e estético não gosto de papéis muito brilhantes, por achar que atrapalha a leitura.

A fonte da deveria ser algo que desse a sensação de ter sido feito pelo próprio narrador da estória contada e que assim estaria de uma certa forma estimulando a escrita. Chegou-se a pensar na possibilidade de ter sido realmente feito de forma manuscrita, porém o uso de uma fonte digitalizada com essas

características facilitaria a leitura e assim eu decidi, sempre pedindo auxílio a orientadora Fabiana Comerlato que sempre se colocou à disposição.

A construção de inúmeros detalhes e inserções como as explicações das palavras de uso local feitas na própria página, em caixas de texto, assim como as inserções de onomatopeias no próprio livro foram complementadas a história. Dessa forma, as palavras regionais de maior dificuldade de compreensão poderiam de imediato serem consultadas na própria página do livro. Também contei com a ajuda da filha da professora e orientadora Fabiana, a jovem Júlia Comerlato Costa de 9 anos, estudante do 4º ano do fundamental da Sacramentinas em Cachoeira – Bahia. Ela realmente me surpreendeu, na primeira leitura feita com muita clareza e entonação perfeita, ia apontando as dificuldades encontradas, assim criou-se uma maneira espontânea de saber algumas falhas que poderiam ser corrigidas. Minha gratidão a pequena, grande Júlia que deu sua contribuição.

Optei por fazer uma roda de conversa com a ajuda de uma grande amiga com formação em pedagogia Professora Fátima Fernandes da Silva que sugeriu essa atividade, quando pude acatar prontamente, sem ter nenhuma dúvida pois era isso mesmo que queria fazer. O primeiro momento da leitura do texto, depois da roda de conversa entre os alunos, viria o segundo momento, quando o professor seria o mediador da história, para que as crianças se sentissem estimuladas a ouvir a estória contada e que a partir daí discutissem sobre o assunto, visto existem vários pontos a serem abordados na estória contada. Já, no terceiro momento, elas poderiam criar as suas próprias estórias estimuladas a partir das memórias de seus familiares e estimulando o interesse pelo registro num momento e uma era já tão virtual. Estimular o interesse por diálogos onde se possam trazer relatos de memória e a partir deles se fazer um registro livre escrito, com desenhos e músicas.

Em momento posterior, a intenção será buscar parceiros para captar e disponibilizar os livros de forma gratuita para as escolas dos municípios vizinhos a de D.Cadu, e as escolas de diretriz quilombola. A distribuição oportunizará o desenvolvimento da temática em sala de aula a experiência de ouvirem a história da vida real de uma mulher – referência de luta e resistência de conhecimentos da nossa cultura afro indígena quase centenários e seu bisneto Murilo que simboliza a garantia desse legado –, terão a possibilidade de debaterem além de criarem suas próprias histórias e estórias, valorizando dessa forma a continuidade das memórias que marcam a vida de cada um.

Outra possibilidade já pensada é que o livro possa ser distribuído nos restaurantes onde são usadas suas panelas, dessa forma possa ainda mais fortalecer a importância da visibilidade daqueles que fazem nossa cultura ser preservada. O alimento servido naquela panela está envolvido de histórias que devem ser contadas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A valorização da História local é o ponto de partida para esse processo do cidadão (Nogueira, 2001).

Sabemos que o Recôncavo Baiano é um local de grande riqueza de conhecimentos que foram preservados através da oralidade, ferramenta usada até os dias de hoje. Trabalhar com esses registros como os de uma mulher como D. Cadu, detentora de conhecimentos de seus ancestrais, e dar voz a esses conhecimentos através de sua própria protagonista é garantir que o tempo visibilizado venha à tona. E que esses encontros possam garantir as discussões, fazendo deles algo que tenha significado na construção dos conhecimentos da História Local, como escreve Noronha (2007), que aspirem avanços na aceitação da História Oral que passa do nível meramente de observação para o nível analítico, para um entendimento da dinâmica social onde esses possam ser identificados como algo pertencente a nossa realidade, um novo tempo.

A pesquisa desenvolvida tiveram alguns objetivos iniciais que ao longo da trajetória foram adquirindo mais compreensão e precisão das conquistas alcançadas, dar como concluído essa longa trajetória de pesquisa, de relatos, de conhecimentos, de envolvimento afetivos que geram uma instabilidade ao ver que esse assunto deve ter um ponto final.

Esse processo de conclusão gera uma ansiedade inexplicável, associados a outros fatores externos que pareciam gerar uma força contrária como ponteiros de um relógio que em colapso congela o momento para a hora de concluir não chegar. São momento de dúvidas se tudo está dito, se tive coerência, se as falas escolhidas foram as mais apropriadas para bem claro ficar o trabalho e ele poder contribuir com o conhecimento das futuras gerações, pois os meus objetivos traçados eram de poder analisar a cultura afro indígena de Dona Cadu e as análises foram feitas de diversos aspectos de seus múltiplos conhecimentos que acredito terem ainda tantos a serem analisados. A difusão cultural foi iniciada desde 2003 nos diversos trabalhos já anteriormente desenvolvidos como mostram as imagens dos Apêndices B, o registro acadêmico é uma das maiores contribuições que posso destacar como difusora de conhecimento, será de grande valia para as futuras gerações de pesquisadores onde terão um trabalho que inicia as múltiplas possibilidades de

temas a serem trabalhados com maior riqueza de detalhes. Esse trabalho possibilita que se deixe de enxergar Dona Cadu como uma mulher que desenvolve panelas de barro que são referência de conhecimentos e sim como uma mulher complexa na sua totalidade de conhecimentos e resistência.

A resistência vista na sua forma de preservar a identidade, não só a física haja visto que essa questão nem foi abordada nesse trabalho, mas a resistência de preservação dos rituais, a forma de sambar que existe uma conexão com sua ancestralidade indígena, a dança que se remete aos caboclos dos terreiros de candomblé, a resistência nas técnicas usadas na cerâmica – conhecimentos únicos jamais registrados em uma outra localidade –, a forma de queima que é completamente diferente das utilizadas em outros polos de cerâmica utilitária. A resistência é uma forma de salvaguardar as tradições ancestrais.

Quando objetivei uma forma de estimular a implementação da oralidade e da memória na continuidade dos saberes de Dona Cadu para garantir a formação de jovens, foi pensando nisso que a roda de conversa inserida no corpo do livro propõe: estimular o professor a trabalhar em sala de aula as questões sobre a importância dos saberes transmitidos pela oralidade e pela memória. As rodas de conversa além de oportunizarem o conhecimento das histórias do cotidiano do Recôncavo Baiano, a criança pode criar o seu próprio roteiro e forma de registro da oralidade. A oralidade depois de apreendida sua expressão de registro de conhecimento pode ser amplamente pulverizada em diversas formas de manifestação cultural, como escrita, desenho, grafismo, música, teatro, contação de estória e outras tantas formas além das digitais.

Pensando assim não pretendo que o livro paradidático fique apenas como um material de consulta acadêmica, o objetivo é que as escolas municipais do entorno de Dona Cadu se sintam prestigiadas com o livro, e que possa exercer suas atividades com ênfase na realidade do qual já convivem. Incentivar oficinas no espaço de Dona Cadu e contação de histórias por ela mesma será de grande valia para as gerações futuras.

Durante meu processo de aprendizado encontrei algumas dificuldades por ser formada na área da saúde, e ter estado afastada da academia por um período bem longo. A formação em História da África Diáspora e Povos Indígenas, ainda podemos considerar um curso novo, sabemos que serão necessários vários ajustes no programa que possamos garantir que as experiências trazidas sejam

transformadas em produtos e que cheguem ao destino, que nada mais é do que o acesso das produções no mercado da educação. Os dados da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) denunciam que apenas 0,1 % da população brasileira são titulados, esse baixo índice se deve a uma série de fatores. Produzimos produto de importância para a implementação da lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003 onde estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro- Brasileira e Indígena”. Sabemos que esse material produzido deveria ter incentivos para sua inserção mesmo que fossem distribuídos apenas no local pesquisado, pois os denominados “objetos de estudo”, que acabam se tornando, não terão a possibilidade de receberem esse material numa linguagem justa, acessível e esperada.

Como projetos futuros, a partir desse meu projeto de estudo, consigo visualizar a possibilidade da inserção de materiais didáticos que venham promover um maior número de biografias de pessoas singulares do nosso Recôncavo, como poderei citar alguns nomes como: Mateus Aleluia, Dona Dalva Daminiã, Dona Terezinha dos doces, Mãe Madalena assim como outros tantos personagens que poderão fazer parte de um registro, no qual decidam o recorte que gostariam que fosse conhecido durante a sua trajetória.

Temos no Recôncavo Baiano um povo que se governa, amo essa expressão “se governar”, muito utilizada nessa região, e principalmente por mulheres. Dona Cadu poderá ser a primeira Mulher Negra do Recôncavo a ter sua biografia num formato de leitura paradidática infantil registrada com sua pluralidade de ser, e seu bisneto Murilo pode vislumbrar um futuro que garanta o reconhecimento dos seus ancestrais que fazem nossa história.

Hoje, podemos fazer uso da multidiversidade e da interdisciplinaridade para fazer valer os direitos dos invisibilizados e garantir os direitos de poderem contar suas histórias e auxiliar no processo de descolonização eurocêntrica europeia.

9 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMORIM, Antonio. **Escola: uma instituição social, complexa e plural**. São Paulo: Viena, 2007.

ARANTES, A A. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ARROYO, Miguel G. **Pedagogias em Movimento – o que temos para aprender com os movimentos sociais Currículo sem Fronteiras**, v.3, n.1, p. 28-49. Jan/Jun 2003.

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel o menino fula**. Tradução: Xina Smith Vasconcellos. São Paulo: Casa das Áfricas/Palas Athena. São Paulo, 2003.

_____. **A tradição viva. História geral da África; Metodologia e pré-história da África**. 2.ed. rev.-Brasília: UNESCO, 2010.

BARCA, Isabel. **Isabel Barca fala sobre o ensino de História**. [Entrevista concedida a], Bruna Nicolielo. Nova Escola, São Paulo, 2013. Acesso em: 21 de julho de 2019. Disponível em: < <https://novaescola.org.br/conteudo/930/isabel-barca-fala-sobre-o-ensino-de-historia>>.

BAHIA. Governo do Estado, Secretaria de Cultura. IPAC. **Carnaval de Maragogipe**. Instituto do Patrimonio Artístico e Cultural da Bahia. -Salvador: FPC, 2010.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Os Pensadores

_____. **Obras escolhidas**. Vol. I. Trad. Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. **Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em Acesso em 15 de novembro 2017.

_____. **Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm acesso em 22 de novembro 2017.

BORIS, Fausto. **Histórias do Brasil**, 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1996.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1994.

BURKE, Peter. **A Escolas dos Annales**. São Paulo: UNESP, 1991.

BURKE, Peter. A Invenção da biografia e o individualismo renascentista. In **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol10, n.19, 1997.

BLOOM, B.S. et al. **Taxonomia de objetivos educacionais: domínio cognitivo**. Porto Alegre: Globo, 1979.

CAMARGO, Aspasia. História Oral e política. In: **MORAES, M. de. História oral**. Rio da Janeiro: CPDOCQ; Fundação Getúlio Vargas Diadorim, 1994.

CARNEIRO, SUELI. A Mulher negra na sociedade brasileira: o papel do movimento feminista na luta anti-racista. In: MUNANGA, K (org.). **História do Negro no Brasil**. Vol I- O negro na sociedade brasileira. Brasília: Fundação Cultural Palmares: Ministério de Cultura, 2004.

DELAURIERS; J.P.; KÉRISIT, M.. O delineamento da pesquisa qualitativa. In: NASSER, Ana Cristina. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológico e metodológico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DEVEREUX, George. **De la ansiedad al método en las ciencias del comportamiento**. México/Madri/Bogotá: Siglo Veintiuno Editores, 1985.

ETCHEVARNE, Carlos. **Sobrevivência de Técnicas Ceramistas Tradicionais no Recôncavo Baiano: um registro etnográfico**. Habitus: Revista do Instituto de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás. Goiânia V 1, n 1: Ed. Da UCSAL, 2003.

FERREIRA, M (org). **História oral e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro_ Diadorim Editora, 1994.

FRAGA, Walter. **Encruzilhadas da Liberdade de escravos libertos na Bahia (1870-1910)**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos, 1989.

----- . **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo, Sp: Cia das Letras, 1986.

----- . **A micro história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1089.

GOLBERBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record,1997.

GROSSI, Miriam Pillar; SCHWADE, Elisete; MELLO, Anahi Guedes de; SALA, Arianna (org.). **Trabalho de Campo, Ética e Subjetividade**. Florianópolis, Tribo da

Ilha, 2018

HALBWACCS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. Refletindo sobre História Oral: procedimentos e possibilidades. In: MEIHY, J.C.S.B. (org.) **Introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo: Xama, 1996.

KI_ZERBO, Joseph (org.). História Geral da África. V. In: **Metodologia e pré-história da África-2**. Ed. – Brasília: UNESCO, 2010

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

LA SALVIA, Fernando e BROCHADO, José Proenza. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984. V.I: Memória e história.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro História. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p. 133-161.

LIMA, Sandra de. Invenção e Tradição: uma trajetória de resistência pelo espaço da memória. In: Resgate, Revista de Cultura. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, nº. 13, 2004.

MACHADO, Vanda. **Pele da cor da noite**. Salvador: EDUFBA, 2013.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom. **Manual da história oral**, revista ampliada. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NASCIMENTO, Luísa Mahin Araújo Lima do. **A construção social da maestria: Um estudo dos mestres ceramistas da Bahia**. 2011. 93 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Desenvolvimento e Gestão Social., Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva. **O ensino da história local: um grande desafio para os educadores**. IV Seminário Perspectivas do Ensino de História: Ouro Preto, 2001.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo: EDUC, 1993.

NORONHA, Isabelle de Luna Alencar. **Livro didático e ensino de história local no ensino fundamental**: Associação Nacional de História - ANPUH XXIV. Simpósio Nacional de História, 2007.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo15; São Paulo Editora UNESP, 2000.

ORIEUX, Jean. A arte do biógrafo. In.: **Georges Duby e outros. História e Nova História**. Lisboa: Editor Teorema, 1986.

PELEGRINI, Sandra C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. In: **Revista Brasileira de História**. v. 26, nº 51, p. 115-140. São Paulo, 2006.

PELEGRINI, Sandra P. A.; FUNARI, Pedro Paulo. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PESSOA, M. N.. **Percepções Culturais Sobre os Griots na Contemporaneidade**. Bahia. VII Encontro Estadual de História, 2016

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Edições Vértice, vol 2, n 3, 1989.

QUEIROZ, L. M. A.; LYRA, M. C. A. ; MOREIRA JUNIOR, J. ; ROCHA, P. M. . Mãos que modelam o barro - memória e tradição em Coqueiros. In: **Encontro Baiano de Estudos em Cultura**, 3, Cachoeira. Bahia: UFRB, 2012.

ROBATTO, Sônia; PAIM, Tereza. **OAU**. São Paulo: Senac, 2018.

SAMPAIO, Helena. PERELMUTTER, Daisy. CAVALCANTI, Claudia. **Ceramistas de Coqueiros – histórias de vida**. ArteSol. IPHAN. Bahia. 2009.

SILVA, Acildo leite da. **Memória, tradição oral e a afirmação da identidade negra**. In: *Movimento-* Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, n. 1, maio de 2000. Niteroi- RJ; EdUFF, 2000.

SILVA, S.; QUEIROZ, L. M. A. de. **Turismo Cultural: uma possibilidade de resgate histórico-cultural para a comunidade de Coqueiro** - Maragogipe/BA. In: XV Seminário de Iniciação Científica (SEMIC) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), 2011, Feira de Santana/BA. SEMIÁRIDO E AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS. Feira de Santana/BA: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2011.

SILVA, F. T.; SANTOS, N. P. ; PINTO, A. C. . **Pós de Doliarina: um dos remédios importantes da Farmácia Peckolt**. História, Ciências, Saúde-Manguinhos (Impresso), 2015.

SISTO, Celso. **Do Griô Ao Vovô: O Contador de Histórias Tradicional Africano e Suas Representações na Literatura Infantil**. Nau Literária (UFRGS), v. 09, p. 1-16,

2013.

SOUZA, Ozéias Fernando Oliveira, **História e Memória de São Félix cidade Presépio**. Edição do autor. São Félix – Bahia, 2017.

TEIXEIRA, Anderson Rodrigues. “**O abiã é o começo, o pé da história**”: **performances do noviciado no(s) candomblé(s)**. 2017. 198 f. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução: Lolio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VAINFAS, Ronaldo, SOUZA, Juliana. **O Brasil de Todos os Santos**. Ed. Jorge Zarar Editora, 1999.

VANSINA, Jan. **A tradição oral e sua metodologia**. In: *História Geral da África*. Brasília: UNESCO, 2010.

VELOSO, Caetano. **Cinema Transcendental**. CD 838 289-2. Philips, 1989.

10 APÊNDICES

- FOTOS DAS OFICINAS

2014 a 2016 Feitura do Caruru de Cosme Damião no Identidade Brasil. (Cachoeira- BA)

Nos meses de setembro Dona Cadu durante três anos seguindo fazia o ritual do Caruru dos sete meninos no espaço da galeria do Identidade Brasil em Cachoeira.

Ela quem fazia o Caruru para Cosme Damião um ritual de quase 80 anos que ela segue fazendo nos meses de setembro, ela não autorizou o registro do ritual, mas me permitiu que aprendesse.



2015-Visita de Dona Cadu na Casa de Mestre Ananias (São Paulo) Segunda-feira, 27 de julho 2015

O Convite feito por Rodrigo Lima conhecido como Minhoca, coordenador da casa do Samba de Mestre Ananias, para o encontro de sambadores e Sambadeira do Recôncavo Baiano, possibilitou D Cadu a realizar um dos seus maiores sonhos: conhecer São Paulo, eu fui acompanhando.

Ela fez oficina de cerâmica para as crianças do projeto da casa, deu palestras e participou do Samba de roda.

Meus familiares pediram para que ela se hospedasse em casa, pois assim teriam a oportunidade de participarem dessa experiência.







2016 – Dalton Paula artista Plásticos, visita D Cadu e desenvolve seu trabalho para Bienal de São Paulo inspirado no Recôncavo.

Dalton Paula fez sua residência artística no Recôncavo Baiano e cria obras sobre alguidares que denomina sons Velados.

Uma das imagens ele retrata eu enegrecida e D Cadu, essa obra foi exposta na Bienal de São Paulo no ano de 2016, ele depois retorna com sua esposa Ceiça e sua lalorixá, em agradecimento pelos ensinamentos e inspiração, ele dá de presente um álbum de fotografias com todo processo de feitura de suas panelas, ela utiliza para mostrar para seus visitantes. Conta Dona Cadu que além do álbum o Artista contribui de maneira bem generosa financeiramente pela experiência tida.





2016 Visita ao Santuário Bom Jesus da Lapa –(BA)

Em romaria com os vizinhos de coqueiro e dos distritos vizinhos D Cadu anualmente vai a Bom Jesus da Lapa em romaria.

Esse ano resolvi acompanhá-la para ter essa experiência assim coimo fazer registros de suas rezas.

Como toda boa romaria não poderia faltar o ônibus quebrou no trajeto, ficamos 4 horas aguardando um resgate, nada mudou o humor dela em dos romeiros que acompanhavam.

Assim que chegamos a primeira coisa que foi feita foi agradecer a chegada.

Segundo os romeiros o fato de o ônibus ter quebrado era sinal que alguém estaria com muitos pecados e estávamos pagando todos juntos os pecados de alguém.





2018- Programa na Mochila (Coqueiro- BA)

Eu acompanhei as gravações do programa na Mochila com o apresentador Pedro Benoliel, canal de TV por assinatura dedicado a gastronomia chamado FOOD NETWORK, que participam chefes Nacionais e internacionais, lançado nos USA em 1993, está disponível em mais de 150 países. O programa tinha como objetivo divulgar o uso das panelas de barro que são utilizadas no Restaurante Casa de Tereza da renomada Chef de gastronomia Baiana Tereza Pain, que utiliza as panelas de barro em sua cozinha que vão para a mesa.





**2019- Oficina de Cerâmica e contação de Histórias (Coqueiro/ Najé- BA)
Sexta-feira, 12 de abril 2016**

Organizei em abril data que D Cadu comemorava seus 99 anos uma festa com os alunos da sala de aula da escola de seu Bisneto Murilo, Escolinha Sabor de Mel.

Primeiro ouviram as histórias atentamente de Dona Cadu, depois fizeram perguntas onde ela ia respondendo.

Num segundo momento D Cadu liberou o barro e as crianças experimentaram o barro e iam construindo suas experiências com esse contato.

Segunda-feira, 14 de abril 2016.

Já na escolinha em Naje foi contada a primeira versão da história do livro que de acordo as reações das crianças me fizeram perceber a necessidade de diminuir o texto.

Tinha levado papel e lápis de cor onde dividimos aleatório os grupos que fizeram pinturas sobre a leitura.





REGISTROS DAS CONVERSAS

As conversas foram sendo registradas ao longo desses 15 anos, porém em 2017, já mestrandando eu tentei ser mais objetiva e registrar assuntos que fizesse o recorte necessário a escolha feita para a elaboração do livro.

No caso selecionei assuntos que acredito serem importantes para serem discutidos em sala de aula. A importância da oralidade e memória na transmissão de conhecimentos da história seja ela de importância familiar, como também histórica.

Assim, a seleção baseou-se nesses temas:

- A infância como período de formação;
- Ancestralidade;
- A força e resistência da mulher negra nos processos de manutenção financeira na estrutura familiar;
- A dificuldade da manutenção dos conhecimentos para as novas gerações;
- A influência afro-brasileira nas questões ritualísticas do cotidiano;
- As técnicas de cerâmica de influência indígena, a influência dos povos nessa região existentes e ainda pouco estudados.

Esses itens poderão ser abordados no uso do livro infantil.

Transcrição

Rosangela: Boa tarde Vó, vim falar e registrar sobre sua família, vamos conversar um pouco enquanto a senhora vai trabalhando pode ser?

Dessa forma ela mesma decide por onde começar o assunto e assim a conversa transcorre.

Dona Cadu: Sim, Tazan já era primo...meu noivo e pai de Tazan era que era um negão cascudo. Meu pai cansou de dizer que era primo carnal dele.

Rosangela: Vó, seu pai tinha um primo carnal. Como que a senhora chamava? Negro do pé cascudo?

Intervenção de uma terceira voz que aparenta ser da neta.

Rosangela: Era primo de seu pai?

Dona Cadu: Era primo carnal de meu pai. Meu pai dizia que o primo dessa criatura era tio dele.

Rosangela: Então na sua família, sua avó era sarará.

Dona Cadu: Era sarará.

Rosangela: Sua mãe também era sarará.

Dona Cadu: Minha mãe também era sarara. E o meu pai era um caboclo mesmo. Era índio.

Rosangela: E seu avô...

Dona Cadu: Era índio também. E a minha avó. Que minha avó foi pega no mato. A mãe de meu pai.

Rosangela: A mãe de seu pai. Intervenção de carro de som. Então vamo lá vó.

Dona Cadu: Agora é que os pais conversa as coisa e os filho ta tudo presente, mas de primeiro no meu tempo quando meu ia conversa ele dizia assim pra você, pra Luana. Quando a gente ia chegando ele só fazia assim ... pra gente sai .a gente não escutava as conversas. Ele só fazia assim ó...

Rosangela: Olhava pra cima e pra baixo.

Dona Cadu: É, era pra gente sai. A gente não escutava as conversas deles. Pra gente sabe de detalhe o.... assim as vidas dos parente de direito né? Eu sei conta já de meus irmãos tudo pra cá. Porque a gente era tudo junto.

Rosangela: Agora a sua avó por parte de mãe nasceu aonde? Avó. Onde eles nasceram?

Dona Cadu: A minha avó por parte de mãe ela nasceu no teiro redondo.

Rosangela: E seu avô?

Dona Cadu: Eu não sei. Num ta vendo-me te dize que eu não alcancei avô.

Rosangela: Não lembra dele?

Dona Cadu: De meu pai eu num sei. De minha mãe eu numa sei (esboçando confusão e esquecimento).

Rosangela: E por parte de pai? Os avós nasceram aonde?

Dona Cadu: Em Riachão do Jacuípe

Rosangela: Os dois?

Dona Cadu: Todo os dois.

Rosangela: Todos os dois?

Dona Cadu: É

Rosangela: Sua avó, quando sua mãe nasceu morava aonde?

Dona Cadu: É minha mãe nasceu cá.

Rosangela: E o seu pai?

Dona Cadu: Meu pai em Riachão de Jacuípe.

Rosangela: E como eles se conheceram vó?

Dona Cadu: Quem é que sabe minha filha.

Rosangela: Ah, não sabe. (risos)

Dona Cadu: (risos)

Rosangela: Ah, ela nunca contou como os dois se conheceram? Ela não tinha essa conversa?

Dona Cadu: Não, não. Eu num falei pra você que quando eles tavam conversando as conversas, que as vezes a gente chegava e eles fazia assim.... a gente não ficava assim.... Hoje em dia você num tá vendo eu aqui conversando e Murilo conversando, dando os nome dos parente? A gente era bobo de ficar de junto pra assistir isso?

Rosangela: Não, não. Agora minha avó como é que a senhora lembra de como foi sua infância? De como foi quando a senhora morava com os irmãos? Como era? A senhora lembra da sua infância?

Dona Cadu: Me lembro...

Rosangela: Como foi vó?

Dona Cadu: Ah, eu mais os meus irmãos a gente fomos muito unido. Agora os meus irmãos, não sei porque que todos eles me respeitavam demais... Eles tinham medo de mim. Se eu falasse uma coisa, vocês não vão fazer isso, eles não faziam né... A irmã mais velha era muito... batia neles todos, só não batia mim... Se vinha apanha. Não venha não...ela era a irmã mais velha, mas eu dizia a ela se vim apanha e eu também não deixava ela bater nos outros... Quando ela vinha pra bater, todos eles corriam pra de junto de mim. Ela levava a gente pra maré, chegava lá montava nas costas da gente aqui ó, me atravessava lá pro outro lado (com voz de zangada). Os meninos tava bebendo água e ela lá pendurada nos pescoço deles (risos)

Rosangela: A mais velha?

Dona Cadu: Sim, a mais velha

Rosangela: Era brava? Mandona?

Dona Cadu: Era, ela era marvada pro lado dos irmãos. Mas eu não, eles era tudo unido comigo se eles fosse faze um negócio, eles vinha me pergunta: oh Cadu (a gente junto dentro de casa (ressalva dela)eu quero fazer isso e isso, será que dá certo? Eu dizia a eles: faça. Daí eles fazia, mas se eu achasse assim, que eu não tô achando isso certo não.

Rosangela: E tinha brinquedo? Como brincavam de quê?

Dona Cadu: Brincava de que? Boneca de milho, boneca de barro. Os pais da gente não tinha dinheiro pra comprar brinquedo. Os pais da gente não tinha dinheiro pra comprar. Ganhava mal, só pagava mal o pirão de cada dia. É minha fia ai quando eu fui crescendo que eu aprendi a fazer meus bolinho de barro, todo sábado eu queimava uma carga de...sexta-feira (correção dela) eu queimava uma carguinha de louça e ia vender em Muritiba.

Rosangela: Com que idade vó?

Dona Cadu: 10 ano

Rosangela: Com 10 anos...

Dona Cadu:Com 10 ano eu ia pra Muritiba vendê pra compra óleo de cume pra trazer pra dentro de casa.

Rosangela: E o que comia naquela época?

Dona Cadu:O que comia? O feijão vinha pra dentro de casa, arroz eles já plantavam na roça.

Rosangela:Eles tinham plantação?

Dona Cadu: É, eles tinham plantação. É, eles tinham roça.

Rosangela: Eles trabalhavam com roça?

Dona Cadu: É com roça e pedreira.

Rosangela: Ah, eles quebravam pedras?

Dona Cadu: É quebrava pedra.

Rosangela: O pai e a mãe? Seu pai e sua mãe?

Dona Cadu: Não, minha mãe não ia na pedreira não.

Rosangela: Só seu pai?

Dona Cadu: Só meu pai e meus irmão que ia também pra pedreira e eu acompanhava, eu ia também quebrar minhas brita.

Rosangela: Lá em Otero?

Dona Cadu: Sim minha fia, eu ficava lá na pedreira até cinco hora da tarde quebrando brita.

Rosangela: Com que idade vó?

Dona Cadu: Com 10 ano, dá eu fui crescono, fui crescono e fazendo minha loucinha e plantando roça mais meus pais e na pedreira quebrando brita de junto com meus irmão. No dia de sexta feira... quinta feira (correção dela), eu ia pra dentro dos matos mais meu irmão João tira bambu que era pra queimar as louças.

Rosangela: Já queimava desse jeito?

Dona Cadu: Quando era sexta feira... quinta feira (correção dela) ele trazia um fexo de bambu e eu trazia outro, no outro dia eu queimava a louça. Quando era sábado eu montava no meio das cangaia, no meio dos panacun com a carga da louça e ia vender em Muritiba, ia vender em Muritiba pra compra o pirão pra traze pra mim, meus irmãos e meu pai...

Rosangela: trazia tudo em comida? Não trazia em dinheiro? Trazia tudo pra comer?

Dona Cadu: Pra comer, por que o dinheiro não dava pra trazer um dinheirinho pra reservar um... nada, só trazia tudo em comida, viu... e nisso. Intervenção de um garotinho trazendo algo pra Rosangela. Identificado como Murilo.

Dona Cadu: Meu pai plantava batata, plantava inhame, plantava mandioca, eu ia pra casa de farinha... levava dois, três dia na casa de farinha... (intervenção de carro de som), ajudando uma tia minha na casa de farinha... eu levava dois, três dia na casa de farinha sem vim em casa, pra peneirar a massa...

Rosangela: A senhora tem alguma memória de brincar ou sempre foi memória de trabalho?

Dona Cadu: Eu tenho memória de trabalho, eu não tinha tempo de brincar Rosangela... quando chegava de noite eu ia me deitar cansada. O que é que um menino de dez ano faz Rosangela? E eu trabalhava no reio de manhã até dez hora do dia na roça, quando arriava a roça, ai eu vinha e quando dava umas dez e meia eu me sentava no barro, quando dava umas três hora da tarde eu me arriava do barro e ia pra pedreira quebrar brita...

Rosangela: Isso com 10 anos?

Dona Cadu: Com 10 ano...

Rosangela: E isso foi até com que idade?

Dona Cadu: Quando eu vim com 22 ao pra aqui...

Rosangela: Foi quando melhorou?

Interrupção de Rosangela pedindo para Murilo se aproximar para ouvir as histórias da vó.

Dona Cadu: Foi quando eu vim mais descansar, mas eu vim mais descansar minha fia dessa seguinte forma... porque eu trabalhava o dia todo no barro e a noite eu ia pra pescaria mais o marido porque eu ficava com pena dele ir sozinho...

Rosangela: daí quando voc~e veio pra cá, você já trabalhava no barro e a noite você ia trabalhar com o marido?

Dona Cadu: Com o marisco.

Rosangela: Com o marisco.

Dona Cadu: Com o marisco.

Rosangela: Ajudava a mariscar?

Dona Cadu: Ajudava, ele tinha uma rede, ele tinha um tapasteiro (intervenção de Murilo) ... Ele tinha uma camboa de pau, ele tinha uma cruzeira, ele tinha gereré...

Rosangela: Cruzeira?

Dona Cadu: É cruzeira.

Rosangela: Cruzeira é um barco?

Dona Cadu: Não minha fia, é, é uma linha como daqui lá nesses mundo cheio de anzol, daí iscava com camarão ou com pititinga e joga lá oia, aí quando você vê que já deu lança dai você vai correndo e encontra os peixe tudo ali já encruziado no anzol.

Rosangela: Como se fosse uma vara de pescar?

Dona Cadu: Exatamente e o tapasteiro ele tinha um tapasteiro com daqui lá, ele cercava vamo dizer, tem essa boca de rio aqui, ele cercava essa boca de rio...

Rosangela: Com o que? Com rede...

Dona Cadu: Com rede, quando era no outro dia, eu ia ajudar ele a riba a rede pra pegar tudo os peixe que entrou ai, ali também os peixe que entrava não saia. Eu ia pra camboa mas ele, a camboa era lá embaixo, pra baixo de Najé. Quando vinha uns peixes Rosangela, que parece assim umas cobra que chama percal. Oh meu Deus que medo que eu tinha desses peixes. Eu ficava assim no berço da canoa assim ó e os peixe (sons feitos com a boca, lembrando mordida) e ele dizia, você vai emboca essa canoa (risos).

Rosangela: Ainda tem esses peixes vó?

Dona Cadu: Tem minha fia...

Rosangela: Chama percal? E a senhora ainda tem medo deles?

Dona Cadu: Ave Maria, eu não quero conta, eu tenho um medo desses peixes que me pélo (risos).

Rosangela: É mesmo vó?

Dona Cadu: E o povo come pra se acaba e diz que o percal é um peixe bom, mas não há forma, vixe Maria, não como não (risos) eu tenho um medo do peixe (risos)... quando eu chegava aqui se eu era de me descansar, eu ia ajudar ele a catar aquele peixe, separar aqueles peixe todo, separava os mais graúdo pra aqui, os mais miúdo pra lá, os camarão lá, os siri pra cá... era assim, nisso amanhecia o dia.

Rosangela: E agora vamos voltar só um pouquinho... quando a senhora conheceu ele. Como foi?

Dona Cadu: Eu conheci ele porque... meu pai caiu doente e ai o pai dele tinha um candomblé....

Rosangela: Mas vocês já se conheciam?

Dona Cadu: Nois não se conhecia ainda...tá

Dona Cadu: Aí o meu tio, chamou meu pai pra vir aqui no candomblé na casa do pai dele... ai... meu pai veio... e o velho disse que ele tinha que fazer uma limpeza, que tinha sido um negócio que ele comeu, que deram para ele na comida, na bebida... era uma pessoa que tinha colocado um negócio na bebida pro meu pai... e ai meu pai ficou doente e quase morre... ai ele disse que ele tinha que fazer uma limpeza e ficar aqui para ele dar um purgante pra ele bota pre fora o que ele bebeu...

Rosangela: Era um feitiço?

Dona Cadu: Sim minha filha! E aí meu pai fico aqui dois dia na casa do pai dele, ai eu vim aqui né... vim ver meu pai... ai, quando chegou aqui a gente se viu, né? Ai já fiquemo se gostando... aí ele disse, eu vo lá na casa de seu pai... eu vou lá! E ai ele tava assim, pegou e e quando pensou que não.

Rosangela: Mas ele foi lá... voltou pra visitar seu pai...

Dona Cadu: Sim!

Rosangela: E aí... começou a ir sempre?!?!

Dona Cadu: Ir sempre, ir me ver... e quando pensou que não... o caso deu certo!

Rosangela: Quanto tempo vocês namoraram? Você tinha que idade?

Dona Cadu: Eu tinha... a gente namorou uns dois anos... com 22 anos eu vim embora pra qui...

Rosangela: Então você tinha 20 anos?

Dona Cadu: Foi... aí... a gente se gostando também, ele foi um marido honesto pra mim a gente nunca briguemo... nunca! O povo dizia assim: mais cadu, se nun briga mais neca? Pra que briga?

Rosangela: Neca era o apelido dele né?

Dona Cadu: É... o apelido dele era neca... pra que brigar?

Rosangela: E aí quando a senhora veio ele já tinha casa?

Dona Cadu: Ele?

Rosangela: É! Quando a senhora veio embora pra cá!

Dona Cadu: Ele não tinha casa ainda, mas a prima tinha uma casa que ela não morava na casa, ele comprou essa dita casa...

Rosangela: Da prima?

Dona Cadu: Da prima!

Rosangela: Pra levar a senhora?

Dona Cadu: Certo!

Rosangela: Mas a senhora veio sem casar?

Dona Cadu: Sim... eu vim cassar aqui...

Rosangela: Casou ai?

Dona Cadu: Sim..casemo aqui.. sim minha filha... a gente já velho, nois se casemo..

Rosangela: Depois?

Dona Cadu: Depois, na igreja..

Rosangela: Com que idade?

Dona Cadu: Na base aí já de uns 60 anos...

Rosangela: Você já tinha 60 anos quando resolveu casar?

Dona Cadu: Porque a gente vivia bem né... a gente sabia que a gente não ia mais se separar... ai casemo... eu sei que quando... o negocio de meu pai... quando meu pai foi pra casa, ele disse: eu to sentindo uma dor! Eu to sentindo uma dor! E deu vontade de vomitar, deu vontade de vomitar, depois que o véiofeiz aquele negócio, sabe? A limpeza do corpo e deu a ele, quando ele abriu a boca minha filha, botou uma bola... uma bola... uma bola assim olha... coberta de linha, a linha preta

mesmo... aí meu pai chorou... e pois pra fora... e foi assim que a gente se gostemo....

Rosangela: Foi assim... que lindo né...

Dona Cadu: E deu certo! Graças a deus a gente viveu o resto da vida bem, a gente viveu a vida toda junto.

Rosangela: Essa casa que a senhora mora, já era a casa que vocês viveram juntos?

Dona Cadu: Foi.

Rosangela: Essa sempre foi sua casa?

Dona Cadu: A casa sempre foi essa aqui...

Rosangela: Quando a senhora veio, a senhora já veio pra essa casa?

Dona Cadu: Não... morava ai em cima... ai em cimanoiteiro... depois a gente comprou essa casinha aqui ela era de taipa e de palha, não era de telha não, depois a gente comprou as telhas, e ficou sendo de taipa, a gente comprou aqui por que era melhor pro meu trabalho, olha, eu carregava barro na cabeça daqui lá pra cima, quando ia queimar loça, carregava de lá... pra qui... e tornava carregar daqui... pra lá... e... a gente compremo aqui, depois... a gente fez uma casinha pequena ali, olha, pra trabalhar, pra eu trabalhar... ele dizia assim: peu...

Rosangela: Era seu apelido peu?

Dona Cadu: É. ele me chamava de Peu.... vamos fazer um negócio? Eu disse assim, o que? Ele disse assim: olha, vamos fazer a casa de morar aqui, e deixar essa lá em cima pra você trabalhar, ta certo? Eu disse: tá! Ele disse: deixa Balbino chegar, (que Balbino já tava trabalhando nessa época) ele estava em salvador, dai Balbino chegou eu disse: olha, teu pai que fazer isso.... e isso... ele disse: tá certo, vamos fazer mesmo! Ai... ô Rosangela... ele namorava com essa casa... elefoi em Muritiba, quando ele chegou aqui ele disse: Peu... eu disse: hum... ele disse: eu vi uma casa, namorei com a casa... a gente vai fazer a nossa casa no modelo daquela casa que eu vi... namorei com a casa... quando eu fui trocar agora o telhado, quantas pessoa mandou que eu mudasse o modelo da casa, fizesse assim uma frente de vidro... eu disse: não! Enquanto vida eu tiver, esse modelo não muda! Porque foi o desejo do finado, e eu não mudo! Agora, quando o tempo mandar me chamar os meus filhos façam o que quiser fazer..., mas enquanto vida deus me der o modelo é esse... não muda!

Rosangela: Senhora gosta assim, né?

Dona Cadu: E foi assim...

Rosangela: E vocês tiveram filhos logo vó?

Dona Cadu: A gente só tivemos um só.

Rosangela: Foi logo que vocês tiveram filhos?

Dona Cadu: Não, levou 9 anos sem ter filho... noisvivemo 9 anos sem ter filho.

Rosangela: Pra quela época era difícil, né? por que as pessoas já logo tinham filhos!

Dona Cadu: Tinha filho... eu num sei... nois só tivemo 2

Rosangela: Só apareceu depois de 9 anos?

Dona Cadu: De 9 anos... foi....

Rosangela: Mas a senhora nem evitava?

Dona Cadu: Não... eu nunca nem ouvia falar de remédio pra evitar de ter filho... eu tinha tanta vontade de ter um filho... se fosse de por mim, pelo meu querer... eu queri ter uns 20 filho... que eu achava bonito... uma mãe que tivesse um bocado de filho...

Rosangela: É mesmo vó, senhora queria bastante?

Dona Cadu: Era...

Rosangela: A senhora ia querer ter vários... ah, então a senhora não sabe por que teve poucos? Nunca foi ao médico pra saber?

Dona Cadu: Não... por que di primeiro Rosangela mulher paria o tanto que quisesse parir, só tinha o tanto di filho que tivesse de ter... hoje em dia é que vocês vêm...

Rosangela: E como que a senhora teve seus filhos? Foi no hospital ou foi em casa?

Dona Cadu :No hospital, em Cachoeira, os 2. Não tinha carro nessa época, a gente foi de canoa.

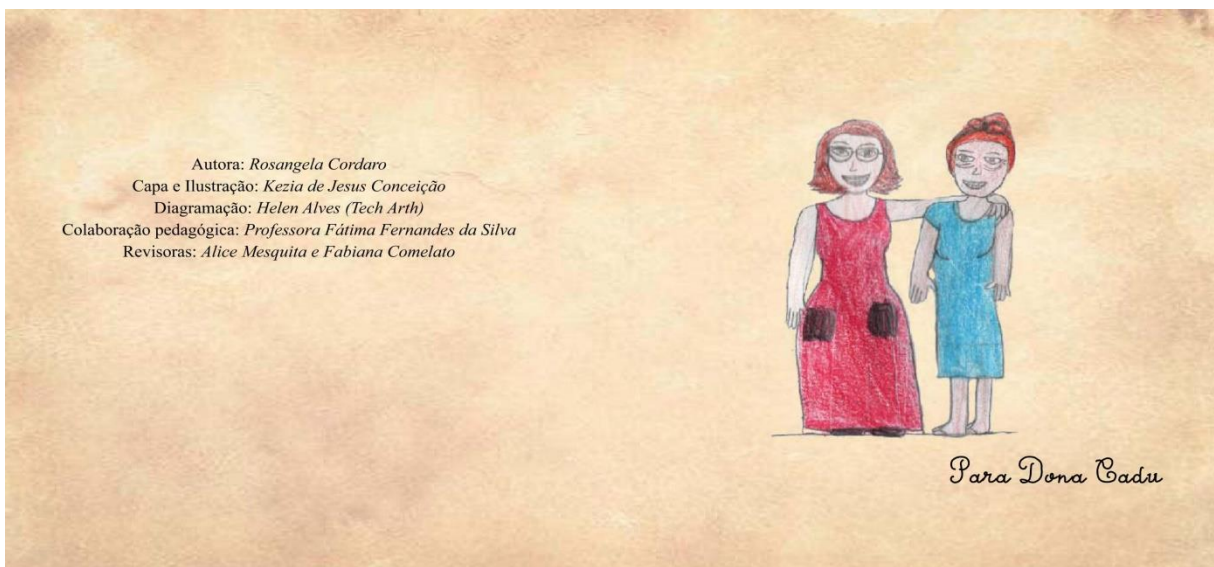
Rosangela: Foi de canoa até Cachoeira?

Dona Cadu: Foi de canoa até Cachoeira!

Rosangela: Quando começou a sentir as dores a senhora foi de canoa?

Dona Cadu: Foi... fui de canoa... foi... agora que bastou a mulher ter uma bostinha na barriga vai embora né.... mas antigamente quando não tinha em casa, tinha que ir de canoa pro hospital, por que não existia carro.

CÓPIA DE PÁGINAS DO LIVRO



Meu nome é Murilo.
Tenho dez anos, moro com minha
e painho mais minha Bisa Cadu.
Ela tem 99 anos e passa o dia todo
fazendo suas panelas de barro,
sentada no chão na frente
da casa.

PANELAS DE BARRO
As panelas de barro são
muito antigas, conhecidas
pelos povos indígenas e
feitas à mão. Depois de
queimadas podem ser
utilizadas para o cozimento
de alimentos.



1

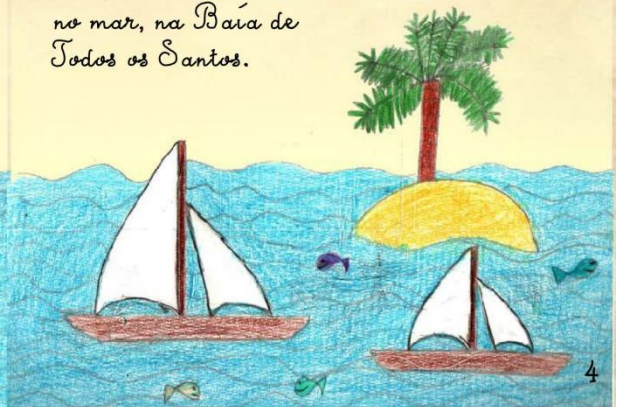
2



Dali pode ver o seu “querido Rio
Paraguaçu”, como ela diz. Conta que
é um rio comprido que começa lá na
Chapada Diamantina e termina
no mar, na Baía de
Todos os Santos.



3



4

A Bisa Cadu gosta tanto de fazer
panelas que nem vê o tempo passar.
Na hora do almoço sempre tenho
que chamar:

- Minha vó, vem almoçar!

É ela sempre responde:

- Já vou

É demora...



5



6

Tive um dia que senti no degrau da porta para esperar e resolvi perguntar:
 - Vô Cadu, quem ensinou a senhora a fazer as panelas de barro?



- Ah meu filho, foi uma vizinha, quando eu tinha uns 10 anos, a mesma idade que você, e aprendi logo. Eu nasci em São Felix, na Fazenda Pilar, pertinho daqui. Naquele tempo, Murilo, eu já trabalhava na roça, ajudando meus pais, quebrando brita. E quando dava tempo, fazia minhas panelas de barro pra vender na Feira de Muritiba. Assim ganhava uns trocadinhos.
 - Por que a senhora veio para cá?
 - Foi quando casei, aí vim morar em Coqueiros.

QUEBRAR BRITA
 Britas são pedras utilizadas na construção de casas. Para tal, é preciso quebrar as rochas, para que se transformem em pequenos pedações e possam ser utilizadas.



7

8

Quando cheguei aqui, tinha outras mulheres que também faziam panelas de barro. No início, a gente tinha que pilar o barro. Depois vimos que era mais fácil botar o barro no meio da rua para os carros passarem por cima.

PILAR O BARRO
 O barro é molhado e posto para secar. Depois de seco é preciso triturar com um pedaço de pau dentro de um recipiente de madeira, o pilão, para que possa ser trabalhado.



9

É aí é só recolher o barro e preparar a panela. Depois, esperamos secar e fazemos uma ruma de bambu com as panelas dentro. Queimamos bem ligeiro com a ajuda dos ventos da maré.

RUMA DE BAMBU
 Ruma é sinônimo de muitos. No contexto da história são feixes de bambu utilizados para alimentar o fogo para queimar a cerâmica.

VENTOS DA MARÉ
 O movimento das marés, com a entrada do mar no rio, provoca um deslocamento de vento, utilizado para fazer o fogo.



10

Ela riu e disse:
 - Murilo, sua vô foi uma menina esperta. Prestava atenção e aprendi tudo com meu pai. Ele me levava sempre nas festas e nas regas, que sempre acabavam em Samba de Roda. E foi assim que aprendi a sambar. Dizem que samba como os caboclos dos terreiros. Foi de tanto ver os sambas das mulheres mais velhas, que acabei aprendendo.

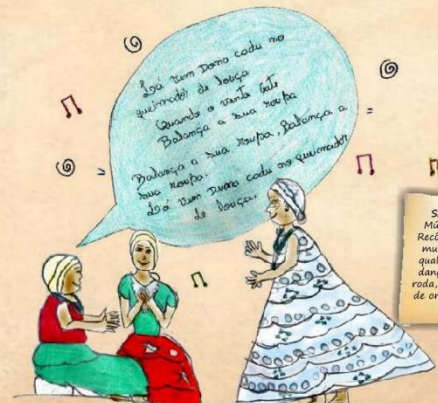


REZAS
 Momento de oração, característica da religiosidade da região, para pedir cura e proteção.

CABOCLOS DO TERREIRO
 Espíritos de índios e caboclos (mistura de negro com índio) que se manifestam nos terreiros de Candomblé, dançando, cantando, conversando.

11

- Murilo, você lembra que seu Tio Balbino organizou um Grupo de Samba de Roda chamado de Filhos de Dona Cadu? Ele fez até um samba para mim!!!



SAMBA DE RODA
 Música tradicional do Recôncavo Baiano, onde mulheres e homens de qualquer idade tocam e dançam formando uma roda, tradição dos festejos de origem afro-brasileira.

12

É a Vó Cadu caía numa gargalhada gostosa com suas lembranças. Eu ouvia as histórias da vida dela enquanto olhava aquele rio tão grande, com os Saveiros passando.

SAVEIROS
Embarcação à vela, construída principalmente no Recôncavo baiano, que serve para transportar mercadorias.

Painho também tinha um Saveiro que batizou de Rompi Nuvem, o cabelo que nos protege. O Saveiro de painho ainda anda pra lá e pra cá transportando areia.



13

14

- É meu avô, vó Cadu, como era ele?

Ela sorriu, perdida nas lembranças.

- Seu avô, Murilo, me chamava de Peú, um apelido carinhoso. Ele tinha o cabelo assim como o meu, que dava pra pentear com os dedos.



O pai dele me ensinou a fazer o Caruru dos 7 meninos, no dia de Cosme e Damião. Eu faço todo ano, no mês de setembro. Mas hoje em dia, os meninos já não querem mais comer de mão, como era antigamente.



CARURU DOS 7 MENINOS
Festa em homenagem aos santos irmãos gêmeos, Cosme e Damião. Na Bahia, para a celebração desta festa é preparado o Caruru, com quiabo, cebola, camarão seco e azeite de dendê. A tradição é oferecer o Caruru primeiro à sete crianças e só depois para os adultos.

COMER DE MÃO
Significa comer com as mãos, tradição do Caruru para as sete crianças.

15

16

Murilo estava sonhando com as histórias de antigamente, quando sua mãe gritou lá dentro:

- Murilo! Chame Cadu!
Vamos almoçar que está esfriando!



Mal sabia mainha que eu já tinha almoçado. Não a comida, é claro, mas as histórias que minha Bisá de quase 100 anos tinha para contar.



Fim

17

18

Escrever o livro "O Dia que Almocei a Bisa" não deixou de representar um desafio.

Trata-se do projeto de conclusão do Mestrado Profissional de História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas. Um projeto, resultado de 15 anos de pesquisas, relatos, registros e convivência com D. Badu com o fito de transformá-la em livro paradigmático, alinhando os conhecimentos adquiridos para compartilhá-los numa linguagem de fácil acesso.

Sou grata aos professores Kabengele Munanga e Vanda Machado, que com entusiasmo me estimularam a seguir por esse caminho. Além da minha gratidão a amiga e Prof.ª Tania Moura que desempenhou um papel fundamental para a conclusão e divulgação do projeto.

Ouvir histórias sempre foi uma das minhas paixões, poder contá-las é uma alegria ainda maior.

Assim como os caxixis, as pequenas panelas de barro que fecham o ciclo do aprendizado, este livro também significa o fim de uma longa trajetória na pesquisa sobre o conhecimento da arte popular entre povos africanos e indígenas no Brasil.

19

Autora:

Rosângela Cordaro

Nasci em São Paulo, Zona Oeste, filha de Carlos Magno Cordaro e Arlene Barbosa Cordaro. Mãe de 2 filhos: Carla Giuliana B. Vairoletti e Pedro Henrique B. Vairoletti, para quem desde pequenos contava histórias e inventava outras. Ingressar no Mestrado Profissional de História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas me fez ter maior e melhor compreensão da necessidade de registrar os conhecimentos dos grandes mestres da nossa cultura popular.



Ilustradores:

Regia de Jesus Conceição

Tenho 12 anos, nasci em São Félix e atualmente moro em Curitiba. Estudo na escola Duque de Caxias no distrito de São Félix em Outeiro Redondo.



20



Ricardina Pereira da Silva - Dona Badu

Podemos considerá-la como "Tesouro Humano Vivo"

Título destinado pela UNESCO às pessoas que possuem um profundo conhecimento ou habilidade que remetem a uma prática cultural imaterial, ou seja, expressões e tradições ancestrais que são passadas (apenas oralmente, em muitos casos) entre gerações por descendentes de uma cultura remanescente.

21

Optei por escolher Regia para as ideias de ilustração deste livro e os alunos da Escolinha Sabor de Mel do Ensino Fundamental I - Nagê-Ba como uma forma de torná-los também protagonistas desta obra. Foi escolhida a classe de Murilo, neto de Dona Badu.



Foram realizadas Oficinas de contação de histórias sobre a vida de D. Badu, no seu próprio espaço de trabalho em Coqueiros, assim como a manipulação do barro pelas crianças.

22

O Dia que Almocei a Bisa

RODA DE CONVERSA



23



Roda de conversa

Você acabou de fazer parte do contar de uma história real e muitas informações e vivência podem ser compartilhadas. Que tal descobrir o que você aprendeu? Vamos lá?

- Quem são as personagens envolvidas na narrativa de "O dia que almocei a bisa"?
- Descreva as personagens apontando suas características.
- Quem narra a história? O narrador conta e participa da história ou não participa e, por isso, conta do "lado de fora" dela?



24



d) você deve ter observado que, também, o espaço, isto é, o ambiente em que se passa a história, é importante para a compreensão da narrativa. Onde a história é vivida?

e) O livro tem forte ligação com o local, a região e a cultura das pessoas que vivem ali. Em quais trechos, podemos encontrar elementos da cultura local?

f) Qual a solução dada por Dona Cadu para substituir o pilar do barro na confecção de panelas?

g) Em suas memórias a avó se recorda do Saveiro de seu painho. Qual foi o nome dado a embarcação, o que ela transportava e nas águas de qual rio navegava?

25



h) A culinária está presente no contar de história da avó de murilo. Qual prato típico Dona Cadu faz todos os anos, no mês de setembro? Por quê?

i) A música e a dança também fazem parte da vida dessa grande personagem. Como isso ocorre?

j) Com suas palavras, explique o desfecho, ou seja, o final da história.

26



Agora é a sua vez...

Você já participou da leitura e roda de conversa sobre o livro "O dia que almocei a bisã", que conta a experiência vivida pelo menino Murilo e sua quase centenária avó - Dona Cadu.

Agora que tal contar a história de seus familiares?

Mas antes de começar a escrever, procure se recordar de um ou vários momentos que foram importantes para você. Pense nas personagens que farão parte de sua narrativa, no espaço e na história que será contada. Use a criatividade!

Pensou? Então é só começar, mas ao finalizar, compartilhe sua história com os colegas.



27



28

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento profundo e emocionado à D. Cadu, que durante anos dedicou parte de seu tempo a contar, de forma carinhosa, tantas das suas histórias.

Um agradecimento especial aos meus orientadores, Fabiana Comerlato e Emanuel Luiz Roque Soares, por seu apoio e condução que me permitiram chegar até esta publicação.

A Regia de Jesus Conceição, uma jovem de 12 anos, que desenvolveu os desenhos a partir das histórias contadas, dando vazão à sua imaginação e criatividade.

A Escolinha Sabor de Mel, sob a direção de Lenivalda S. Matos de Oliveira, que prontamente acolheu o projeto, juntamente com a professora Selma Viviane Oliveira de Souza de Brito, do Fundamental 1.

Um agradecimento a todas as pessoas que dividiram comigo momentos, entusiasmo e ideias a respeito deste projeto de importante significado não só pessoal, como de respeito ao conhecimento da arte popular na fala e no fazer desta mulher ímpar e guerreira, Dona Cadu.

A todos, meu comovido agradecimento!

REALIZAÇÃO:



Mestrado Profissional em História da África,
da Diáspora e dos Povos Indígenas

UF **B** Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
 Centro de Artes, Humanidades e Letras



Programa de Pós-Graduação: Mestrado Profissional em
HISTÓRIA DA ÁFRICA, DA DIÁSPORA E DOS POVOS INDÍGENAS

DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que **Rosângela Aparecida Cordaro** defendeu sua dissertação de mestrado acadêmico intitulada: "Dona Cadu - Oralidade, Memória e Saberes Centenários" no PROGRAMA DE PPG HIST. DA AFRICA, DIASP. E POV. IND. da UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA, em sessão pública realizada no dia 09 de agosto de 2019 às 10h00min.

Membros da Banca

FABIANA COMERLATO (UFRB - Presidente)
 VANDA MACHADO DA SILVA (UFBA - Examinador Interno)
 KABENGELE MUNANGA (UFRB - Examinador Externo ao Programa)

Cachoeira, 09 de agosto de 2019.

Antonio Liberac Cardoso Simões Pires
 Coordenador do Mestrado Profissional em História da África,
 da Diáspora e dos Povos Indígenas
 (CAHL/UFRB)
 SIAPE 1414201





Universidade Federal do Recôncavo da Bahia


PPG HIST. DA AFRICA, DIASP. E POV. IND.

ATA Nº 10

Aos nove dias do mês de agosto do ano de dois mil dezanove, às 10h00min, na sala 05 da Fundação Hansen Bahia, Cachoeira-Ba, instalou-se a banca examinadora de dissertação de mestrado da aluna Rosângela Aparecida Cordaro. A banca examinadora foi composta pelos professores Dr. Kabengele Munanga, UFRB, examinador externo ao programa, Vanda Machado da Silva, UFRB, examinadora interna, e Fabiana Comerlato, UFRB, orientadora. Deu-se início a abertura dos trabalhos, por parte da professora Fabiana Comerlato, presidente da comissão, que, após apresentar os membros da banca examinadora e esclarecer a tramitação da defesa, de imediato, solicitou à candidata, autora do trabalho, o início da apresentação da dissertação, intitulada Dona Cadu - Oralidade, Memória e Saberes Centenários, marcando um tempo de 60 minutos para a apresentação. Concluída a exposição, o Profª. Fabiana Comerlato, presidente, passou a palavra ao examinador externo ao programa, Kabengele Munanga, para arguir a candidata, e, em seguida, à examinadora interna, profª. Vanda Machado da Silva, para que fizesse o mesmo; após o que fez suas considerações sobre o trabalho em julgamento; tendo sido (X) APROVADA ou () REPROVADA a candidata, conforme as normas vigentes na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. A versão final da dissertação deverá ser entregue ao programa, no prazo de 60 dias; contendo as modificações sugeridas pela banca examinadora e constante na folha de correção anexa. Conforme a Resolução 024/2018 - CONAC, a candidata não terá o título se não cumprir as exigências acima.


Dr. KABENGELE MUNANGA, UFRB
Examinador Externo ao Programa


VANDA MACHADO DA SILVA, UFBA
Examinador Interno


Dr. FABIANA COMERLATO, UFRB
Presidente


ROSANGELA APARECIDA CORDARO
Mestrando